

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Joana Vieira Ferreira

INFIDELIDADE NO NAMORO:
ESTUDO QUALITATIVO SOBRE CRENÇAS E
ATITUDES NA ADULTEZ EMERGENTE

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica
Sistémica e da Saúde orientada pela Professora Doutora Alda
Portugal e pela Doutora Isabel C. Lisboa e apresentada à
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade de Coimbra

Julho de 2023



UC/EPCE — 2023

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Infidelidade no Namoro: Estudo Qualitativo Sobre Crenças e Atitudes na Adulterez Emergente

Joana Vieira Ferreira (e-mail: joana.vieira2000@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica e da Saúde sob a orientação de Alda Portugal e Isabel C. Lisboa

Infidelidade no Namoro: Estudo Qualitativo Sobre Crenças e Atitudes na Aduldez Emergente

Resumo

A capacidade de construir e manter relações de namoro é um dos principais critérios de saúde mental e de satisfação interpessoal para os jovens no período da aduldez emergente. No entanto, a infidelidade tem sido apontada como a mais frequente causa para a dissolução das relações de namoro entre os jovens, provocando sintomas semelhantes à Perturbação do Stresse Pós-Traumático. Neste estudo pretendemos: (1) averiguar as crenças e atitudes dos jovens adultos face à infidelidade em relações de namoro e (2) compreender a influência da família e de outros sistemas nessas mesmas crenças e atitudes. Para este efeito, foi desenvolvido um estudo de cariz qualitativo, baseado em 8 entrevistas individuais semiestruturadas feitas a jovens adultos com idades entre os 18 e os 25 anos. A análise temática feita às entrevistas permitiu destacar dois temas principais que vão ao encontro dos objetivos supramencionados: (1) Crenças e Atitudes face à Infidelidade (e.g., *injustificabilidade, mais do que algo apenas físico, infidelidade online, monotonia, comunicação, perda de autoestima*) e (2) Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes face à Infidelidade (e.g., *família, amigos, cultura*). A presente investigação permitiu uma melhor compreensão do fenómeno da infidelidade numa faixa etária distinta das tipicamente estudadas. Neste sentido, evidenciou a influência que a família exerce nas crenças e atitudes que os jovens adultos possuem face à infidelidade, sugerindo a importância de realizar futuramente estudos qualitativos que cruzem as perspetivas dos jovens com as dos seus familiares. Salientou ainda a pertinência de promover uma maior psicoeducação dos jovens adultos no que toca à temática da infidelidade, procurando atuar na sua prevenção.

Palavras-chave: Infidelidade, Namoro, Aduldez emergente, Crenças, Atitudes.

Infidelity in Dating: Qualitative Study on Beliefs and Attitudes in Emerging Adulthood

Abstract

One of the main criteria of mental health and interpersonal satisfaction for young people in the period of emerging adulthood is the ability to build and maintain dating relationships. However, infidelity has been pointed out as the most frequent cause for the dissolution of dating relationships among young people, causing symptoms similar to Post-Traumatic Stress Disorder. In this study we intend to: (1) investigate the beliefs and attitudes of young adults towards infidelity in dating relationships and (2) understand the influence of family and other systems on these same beliefs and attitudes. For this purpose, a qualitative study based on eight semi-structured interviews with young adults (aged between 18 and 25 years) was conducted. The thematic analysis of the interviews allowed highlighting two main themes that meet the aforementioned objectives: (1) Beliefs and Attitudes towards Infidelity (e.g., *unjustifiability, more than something just physical, online infidelity, monotony, communication, loss of self-esteem*) and (2) Contextual Variables that Impact Beliefs and Attitudes towards Infidelity (e.g., *family, friends, culture*). The present investigation allowed a better understanding of the phenomenon of infidelity in young adults, an age group that is less studied. In this sense, it showed the influence that family has on beliefs and attitudes of young adults towards infidelity, suggesting the importance of carrying out future qualitative studies that cross perspectives of young people with those of their relatives. This research also showed the relevance of promoting psychoeducation about the topic of infidelity towards young people, acting on its prevention.

Keywords: Infidelity, Dating relationships, Emerging adulthood, Beliefs, Attitudes.

Agradecimentos

Aos participantes desta investigação, pela generosidade e entrega que lhe dedicaram, permitindo que esta ganhasse asas para voar,

Às professoras Alda e Isabel, pela incansável disponibilidade e dedicação, acompanhadas pelas sábias palavras de conhecimento e pelas ternas afirmações de apoio e motivação constantes, que se revelaram essenciais ao meu crescimento pessoal e profissional ao longo deste processo,

À minha colega Inês, por ter percorrido este caminho ao meu lado, nos momentos de conquista, mas também nos de incerteza, procurando comigo respostas para questões que nem sempre as tinham no imediato, pois isso fez com que o caminho parecesse um bocadinho mais curto,

Às minhas amigas e colegas da faculdade, por terem constituído um porto seguro para a partilha de experiências, abrindo espaço para gargalhadas e momentos de descontração, mesmo quando a pressão nos fazia questionar a nossa perseverança,

Aos amigos de outras faculdades e até já trabalhadores que, mesmo não partilhando as mesmas dores que eu, as acolheram com empatia e humor, fazendo com que de cada encontro eu voltasse com mais resiliência para colocar as mãos na massa,

À minha família, por ter procurado proporcionar-me a tranquilidade necessária à minha concentração, contrariando a barulhenta azáfama habitual, mas também por me ter motivado através da organização de programas que me permitiram recarregar energias, revelando sempre interesse por aquilo que eu estava a vivenciar,

À minha irmã, em particular, por ter sido uma leitora externa a quem pude recorrer em vários momentos, tendo me presenteado em todos eles com críticas construtivas que impulsionaram a evolução da investigação e me impediram de fraquejar,

Ao meu namorado, por me ter acompanhado em todas as fases do processo, distribuindo mensagens de orgulho e de confiança em mim e na minha competência para alcançar aquilo que desejo, mesmo que isso parecesse estar ainda longe no horizonte,

Às minhas cadelinhas, por terem representado uma troca de amor incondicional e me terem proporcionado os pretextos mais prazerosos para fazer pausas em dias de trabalho mais duros, nomeadamente para passeios e brincadeiras perto da natureza,

Por fim, um “Obrigada” a todos os que fizeram do amplamente apelidado Bicho de Sete Cabeças algo mais simples e um “Obrigada” a mim, pela dedicação, persistência e capacidade de gestão de inquietações.

3.3. Procedimentos de Recolha de Dados.....	22
3.4. Procedimentos de Análise de Dados	23
IV – Resultados	25
4.1. Tema principal 1: Crenças e Atitudes face à Infidelidade ...	26
4.1.1. <i>Definição</i>	26
4.1.2. <i>Comportamentos</i>	27
4.1.3. <i>Antecedentes</i>	28
4.1.4. <i>Consequências</i>	32
4.1.5. <i>Fatores que Ditam a Gravidade da Ocorrência</i>	34
4.1.6. <i>Diferenças de Género</i>	35
4.1.7. <i>Evolução da Infidelidade Ao Longo dos Últimos 40 Anos</i>	36
4.2. Tema principal 2: Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes Face à Infidelidade	37
4.2.1. <i>Família</i>	37
4.2.2. <i>Amigos</i>	38
4.2.3. <i>Cultura</i>	39
4.2.4. <i>Experiência Prévia</i>	40
V – Discussão	41
5.1. Crenças e Atitudes face à Infidelidade.....	41
5.1.1. <i>Definição</i>	41
5.1.2. <i>Comportamentos</i>	42
5.1.3. <i>Antecedentes</i>	43
5.1.4. <i>Consequências</i>	45
5.1.5. <i>Fatores que Ditam a Gravidade da Ocorrência</i>	46

5.1.6. Diferenças de Género	46
5.2. Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes face à Infidelidade	47
5.3. Limitações	48
5.4. Implicações para Investigação e Projetos Futuros	49
VI – Conclusões.....	50
Bibliografia	52
Apêndices	60

Índice de Figuras

Figura 1.....	25
<i>Árvore representativa do tema Crenças e Atitudes face à Infidelidade e os subtemas de segundo nível associados</i>	<i>25</i>
Figura 2.....	25
<i>Árvore representativa do tema Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes face à Infidelidade e os subtemas de segundo nível associados.....</i>	<i>25</i>
Figura 3.....	27
<i>Árvore representativa do tema Definição e dos subtemas de segundo nível associados.....</i>	<i>27</i>
Figura 4.....	27
<i>Árvore representativa do tema Comportamentos e dos subtemas associados: agrupados em Domínio Físico, Domínio Virtual e Domínio Psicológico e Emocional.....</i>	<i>27</i>
Figura 5.....	28
<i>Árvore representativa do tema Antecedentes: agrupados em Fatores de Risco e Fatores de Proteção e estes, por sua vez, agrupados em Relacionais, Individuais e Contextuais.....</i>	<i>28</i>
Figura 6.....	29

<i>Árvore representativa do subtema de segundo nível Fatores de Risco e subtemas associados: agrupados em Relacionais, Individuais e Contextuais</i>	29
Figura 7.....	31
<i>Árvore representativa do subtema de segundo nível Fatores de Proteção e subtemas associados: agrupados em Relacionais, Individuais e Contextuais</i>	31
Figura 8.....	32
<i>Árvore representativa do tema Consequências: agrupados em Relacionais e Individuais, respetivamente agrupados em Continuidade e Término e em Para a Pessoa Infidel e Para a Pessoa Traída</i>	32
Figura 9.....	32
<i>Árvore representativa do subtema de segundo nível Relacionais e subtemas associados: agrupados em Continuidade e Término</i>	32
Figura 10.....	33
<i>Árvore representativa do subtema de segundo nível Individuais e subtemas associados: agrupados em Para a Pessoa Infidel e Para a Pessoa Traída</i>	33
Figura 11.....	34
<i>Árvore representativa do tema Fatores que Ditam a Gravidade da Ocorrência e subtemas associados</i>	34
Figura 12.....	35
<i>Árvore representativa do tema Diferenças de Género e subtemas associados: agrupados em Homens e Mulheres</i>	35
Figura 13.....	36
<i>Árvore representativa do tema Evolução da Infidelidade Ao Longo dos Últimos 40 Anos e subtemas associados</i>	36
Figura 14.....	37
<i>Árvore representativa do tema Família e subtemas associados, agrupados em Promotora de Crenças e Atitudes Negativas e Promotora de Crenças e Atitudes Positivas</i>	37

Figura 15.....	38
<i>Árvore representativa do tema Amigos e subtemas associados, agrupados em Promotores de Crenças e Atitudes Negativas e Promotores de Crenças e Atitudes Positivas.....</i>	
	38
Figura 16.....	39
<i>Árvore representativa do tema Cultura e subtemas associados, agrupados em Promotora de Crenças e Atitudes Negativas e Promotora de Crenças e Atitudes Positiva.....</i>	
	39
Figura 17.....	40
<i>Árvore representativa do tema Experiência Prévia e subtemas associados, agrupados em Promotora de Crenças e Atitudes Negativas e Promotora de Crenças e Atitudes Positivas.....</i>	
	40

Índice de Tabelas

Tabela 1.....	26
<i>Tabela relativa à percepção dos jovens adultos no que toca à prevalência da infidelidade em relações de namoro vivenciadas na sua faixa etária</i>	
	26

Índice de Apêndices

Apêndice A	60
Questionário Sociodemográfico	60
Apêndice B	61
Guião Semiestruturado da Entrevista	61
Apêndice C	64
Consentimento Informado	64
Apêndice D	66
Listagem dos Temas e Subtemas, Definições e Número de	

Referências (N) e de Fontes (F)	66
---------------------------------------	----

Introdução

A infidelidade constitui a maior causa para a dissolução de relações amorosas, em particular, de relações de namoro (Garg & Ruhela, 2015). Assim, a taxa de infidelidade em relações de namoro tende a ser significativa, tendo assumido uma expressão de 70% no estudo de Allen e Baucom (2006) e uma expressão de 35% no estudo de Hall e Fincham (2009). Apesar disso, a maioria dos jovens apresenta elevados níveis de desaprovação face à infidelidade em relações de namoro, encarando-as como relações sérias e dignas de compromisso (Watkins & Boon, 2015).

A adultez emergente constitui um período intermédio entre a adolescência e a vida adulta, no qual os jovens investem energia cognitiva e emocional em experiências que lhes tragam clareza relativamente ao seu projeto de vida futuro, nomeadamente no domínio do envolvimento amoroso (Arnett, 2000; Arnett, 2005). Desta forma, a capacidade de construir e manter relações de namoro é um dos principais critérios de saúde mental e de satisfação interpessoal para os jovens no período da adultez emergente (Bertoldo & Barbará, 2006). A vivência de infidelidade nesta fase surge associada ao desenvolvimento de sintomas semelhantes aqueles causados pela Perturbação do Stresse Pós-Traumático, nomeadamente sintomas psicológicos, como a intrusão de pensamentos (Roos et al., 2019), sintomatologia depressiva (Henline et al., 2007) e sintomas fisiológicos, como a hipervigilância (Roos et al., 2019).

Os adultos emergentes deparam-se, desta forma, com desafios particulares que, muitas vezes, são contraditórios entre si. Servem como exemplo disso: (1) o foco na individualidade, através do qual procuram a sua autonomização e exploram o seu autoconhecimento (o que envolve a diversidade de experiências) e (2) o foco nas relações de namoro, buscando uma interdependência de um(a) parceiro(a) amoroso(a) (Arnett, 2000; Arnett, 2005) que lhes proporcione segurança emocional e perspectivas de futuro, neste período de gradual afastamento em relação à família (Bertoldo & Barbará, 2006). Toda a instabilidade que caracteriza esta fase faz com que se torne particularmente complexo compreender os contornos que as relações de namoro assumem e, em particular, as nuances da ocorrência de infidelidade.

Desta forma e, tendo em conta que a maioria dos estudos relacionados com esta temática investigam a ocorrência de infidelidade numa faixa etária superior, na qual a coabitação, o casamento e os filhos constituem variáveis de impacto, é de extrema pertinência (1) compreender as crenças e atitudes que os jovens adultos possuem acerca da infidelidade em relações de namoro, bem como (2) as influências contextuais que promovem a construção dessas mesmas representações, nomeadamente a família e os padrões transgeracionais. É com vista nestes dois objetivos que a presente investigação decorre, pretendendo contribuir para o enriquecimento do conhecimento acerca do modo como os jovens adultos conceptualizam a infidelidade e a experienciam.

I – Enquadramento Conceptual

1.1. Namoro na Adulter Emergente

Nos últimos 30 anos temos assistido a diversas transformações sociais, o que leva a que os percursos individuais e as tarefas desenvolvimentais construídas pelos jovens tenham, em consequência, também sofrido alterações (Carneiro & Sampaio, 2015). Assim, o período entre os 18 e os 25 anos, antigamente conceptualizado pelo ingresso na vida adulta, é atualmente vivenciado como uma fase de exploração de diferentes áreas relacionadas com o autoconhecimento, sendo estas a visão do mundo, o contexto laboral e o envolvimento amoroso, o que leva a que os indivíduos apenas alcancem estabilidade num momento mais tardio (Arnett, 2000; Arnett, 2005). Neste seguimento, Arnett (2000; 2005) definiu a aduiter emergente como uma fase intermédia entre a adolescência e a idade adulta, considerando que esta se distingue da primeira devido a um maior grau de autonomização experienciado pelos indivíduos, contudo afastando-se da segunda, na medida em que estes se encontram ainda dependentes financeiramente do seu seio familiar, o que é promovido pelo incremento de anos de estudo/formação.

A aduiter emergente representa uma fase preparatória para a estabilização da conjugalidade, na qual os jovens procuram investir o seu tempo em experiências que lhes tragam clareza relativamente à sua noção de projeto de vida (Arnett, 2000) e que os aproximem dos papéis e responsabilidades que virão a assumir futuramente (Lanz & Tagliabue, 2007). Deste modo, enquanto na adolescência se envolvem em relacionamentos amorosos geralmente de curta duração, procurando o primeiro contacto com o romantismo e a sexualidade, na aduiter emergente os jovens tendem a desenvolver relacionamentos de maior duração, procurando um nível mais elevado de intimidade, compromisso e um parceiro com potencial para se vir a tornar um companheiro para a vida (Arnett, 2000).

O casamento que era antigamente vivido nesta faixa etária, é agora experienciado de forma facultativa e, quando ocorre, dá-se mais tardiamente, uma vez que, pelo menos nas sociedades ocidentais, passou a simbolizar um ato de liberdade individual, associado ao amor romântico (Fonseca & Duarte, 2014). Na década de 80, a idade média para o casamento em Portugal era 24 anos, contudo, este número tem vindo a aumentar e, atualmente, a média encontra-se nos 34 anos (Pordata, 2022). Esta transformação de valores sociais e culturais leva a que aspetos antigamente encarados como exclusivos ao casamento, tais como o envolvimento sexual (Turner, 2003) e a coabitação, passem a caracterizar algumas das relações de namoro atualmente (Fonseca & Duarte, 2014).

O namoro é conceptualizado como uma modalidade de relacionamento relativamente estável que se pretende que se prolongue no tempo, caracterizada pelo envolvimento afetivo e pelo compromisso estabelecido entre duas pessoas (Bertoldo & Barbará, 2006; Fonseca & Duarte, 2014). Apesar da expectativa relacionada à sua durabilidade, este deverá durar enquanto for satisfatório para ambas as partes (Giddens, 1994). Na fase da aduiter emergente, o envolvimento em relações de namoro constitui um fator promotor para a segurança emocional dos jovens, já que coincide com um momento de gradual afastamento das relações parentais (Bertoldo & Barbará, 2006).

Assim, o namoro ganha um papel extremamente relevante na vida dos jovens adultos, constituindo-se como uma fonte de satisfação de diversas necessidades, entre elas, a de amar e ser amado (Fonseca & Duarte, 2014) e tornando-se alvo de grande parte da sua energia cognitiva e emocional (Zimmer, 2012). Os jovens adultos tendem a caracterizar a sua relação amorosa como sendo tão ou mais próxima do que aquela que têm com os seus familiares (Rogers et al. 2015). Além do companheirismo e da fonte de entretenimento que proporciona, o namoro cria oportunidade para os

indivíduos aprofundarem o seu autoconhecimento, algo que é em parte construído através do modo como percebem ser vistos por quem os rodeia, passando o parceiro amoroso a constituir um espelho de forças e vulnerabilidades que desconheciam até então (Turner, 2003). Desta forma, os jovens adultos procuram formar casal com alguém que apresente compatibilidade com as suas características e traços de personalidade, pois isso irá permitir-lhes projetarem a relação para um futuro a longo-prazo (Arnett, 2000). Assim, a ligação afetiva e o compromisso estabelecido numa relação de namoro geram nos adultos emergentes uma perspectiva de estabilidade ao longo do tempo, sendo este um período vivido como um ensaio para a conjugalidade, ainda que nem sempre implicando a futura oficialização da mesma, através do matrimónio (Comin et al., 2016).

O namoro pode suscitar nos jovens adultos um conflito interno, entre a garantia de segurança, confiança, fidelidade e durabilidade, promovida pelo compromisso, e a possível perda de independência, autonomia, realização e diversidade (Justo, 2005), sendo que estes tendem a subvalorizar os mencionados conflitos internos comparativamente aos ganhos percebidos (Rodrigues et al., 2002). A capacidade de construir e manter este tipo de relacionamento é um dos principais critérios de saúde mental e de satisfação interpessoal para os jovens adultos (Bertoldo & Barbará, 2006).

1.2. Infidelidade

A ocorrência de infidelidade no seio da relação amorosa pode ser compreendida como um sintoma do sistema conjugal (Mendonça, 2009; Pitman, 1989; Zerbini, 2014). Segundo Ausloos (1996), o sintoma reflete uma incompatibilidade entre as necessidades do sistema e as necessidades individuais de algum dos seus elementos, o que, aplicado à infidelidade, reflete a discrepância entre a necessidade de respeitar o princípio da fidelidade para que o casal se mantenha coeso e a tentativa de uma das partes de suprir as suas necessidades individuais não preenchidas no relacionamento primário [a relação mais próxima de um indivíduo, considerada por este importante o suficiente para investir um elevado nível de tempo, energia e capital físico ou emocional na mesma (Sam, 2013)]. Deste modo, o casal é composto por três elementos: o eu, o tu e o nós; sendo que cada um deles possui as suas próprias exigências (Relvas, 2000). Estas podem ser, por vezes, discordantes, o que gera uma crise que faz emergir um sintoma (Ausloos, 1996), como, por exemplo, a infidelidade.

Esta é a causa mais frequente para a dissolução de relacionamentos amorosos (Garg & Ruhela, 2015; Silva et al., 2017), contudo, as definições de infidelidade partilhadas na literatura e em senso comum são diversas e tendem a subestimar a extensão do fenómeno (McAnulty & Brineman, 2007). Deste modo, não existe um conjunto de critérios universalmente partilhados que permita a sua identificação (Blow & Hartnett, 2005). As conceptualizações iniciais do termo resumiam-se ao envolvimento sexual de um dos elementos de um determinado casal com uma terceira pessoa (Lieberman, 1988). No entanto, isto revelou-se insuficiente, uma vez que existem outros tipos de infidelidade mais comumente cometidos (e.g., *flirt*, ligação emocional), com transgressões que se tornam igualmente impactantes, tanto para o casal, como para cada um dos seus membros, individualmente (McAnulty & Brineman, 2007). Assim, definições mais abrangentes e mais atuais caracterizam a infidelidade como um comportamento isolado ou um conjunto de comportamentos, do domínio amoroso ou sexual, perpetrados entre um dos elementos de um casal e uma terceira pessoa (Henline et al., 2007). No caso de serem tidos vários comportamentos, estes podem ou não prolongar-se no tempo (Henline et al., 2007). Silva et al. (2017) definem a infidelidade como uma quebra de um acordo, implícito ou explícito, existente entre os elementos do casal, provocando, por isso, a perda de confiança por parte do elemento traído. A maioria destas definições cinge-se à vivência da infidelidade por casais heterossexuais. No senso comum, alguns dos termos mais frequentemente utilizados para referir o ato de infidelidade são *ser infiel*, *trair* e *ter um caso* (McAnulty & Brineman, 2007).

A infidelidade tem sido dividida em dois tipos: (1) a infidelidade sexual ou física e (2) a infidelidade emocional (Silva et al., 2017).

A infidelidade sexual ou física foi foco da maioria dos estudos até há pouco mais de uma década atrás (Henline et al, 2007). Estes estudos focaram-se no envolvimento sexual extradiádico e as suas consequências, negligenciando o impacto que o estabelecimento de uma ligação afetiva com um terceiro elemento pode causar num relacionamento amoroso (Henline et al, 2007). A infidelidade emocional só passou a ser alvo de interesse mais recentemente, por se revelar igualmente recorrente e danosa (Henline et al, 2007). Assim, a infidelidade sexual diz respeito ao envolvimento em comportamentos que compreendem um contacto físico com uma pessoa fora do par amoroso (e.g., beijos ou qualquer ato de cariz sexual); e a infidelidade emocional refere-se a um envolvimento emocional que tem por base a partilha de sentimentos e pensamentos íntimos, o que pode estar na origem do surgimento de um sentimento de paixão (Barta & Kiene, 2005), havendo investimento de tempo e atenção na relação extradiádica (Shackelford et al., 2000). Num recente estudo de Selterman et al. (2021), 86.7% dos participantes inquiridos que reportaram estar envolvidos em casos extradiádicos revelaram beijar o seu parceiro extradiádico, enquanto 72.9% reportou trocar toques e carinhos e apenas 5.7% relatou que o seu caso não era de natureza física ou sexual. No que toca à infidelidade emocional, a maioria dos participantes envolvidos em ocorrências extradiádicas (62.6%) revelou expressar afeto, 37.6% reportou envolver-se em conversas íntimas com o parceiro extradiádico e apenas 11.1% reportou trocar palavras tais como “Eu amo-te” com o mesmo (Selterman et al., 2021).

Recentemente, tem sido reportado um novo tipo de infidelidade, a infidelidade *online* (Henline et al, 2007; Ouytsel et al., 2020; Raguram & Mao, 2009; Underwood & Findlay, 2004). Com a progressiva massificação do uso de internet e, conseqüentemente, das redes sociais e aplicações de encontros, ocorreu uma mudança na forma como são iniciados, mantidos e terminados os relacionamentos amorosos (Ouytsel et al., 2019). Como resultado, surgiu também um novo palco para a ocorrência de infidelidade, dotado de contornos particulares (Henline et al, 2007; Raguram & Mao, 2009). O chamado “efeito de desinibição *online*” promove uma comunicação caracterizada pela invisibilidade, anonimato, falta de pistas não verbais e um contacto assíncrono que leva a que os indivíduos partilhem informações que não partilhariam pessoalmente, nomeadamente do domínio erótico e amoroso (Ouytsel et al., 2020). Este efeito pode, por isso, criar relações que são por muitos consideradas tão reais, próximas e íntimas e como as relações não-virtuais (Martins et al., 2016; Underwood & Findlay, 2004).

A infidelidade *online* ocorre, assim, tendo por base uma troca de mensagens, entre alguém que se encontra comprometido num relacionamento a dois e uma terceira pessoa ou mais, sendo esta uma conversação eletrónica, com conteúdo erótico ou amoroso, através da qual o indivíduo comprometido revela disponibilidade e interesse em conhecer melhor a outra pessoa, tipicamente ocultando essa existência do parceiro (Raguram & Mao, 2009). Ao contrário da infidelidade sexual, a infidelidade *online* em si mesma ocorre sem qualquer tipo de contacto físico, ainda que a sua motivação possa advir da busca por relações sexuais com o outro interlocutor (Raguram & Mao, 2009). Isto leva a que o fator da distância geográfica não represente um obstáculo a este tipo de infidelidade, tornando-se mais propício o seu prolongamento no tempo (Merkle & Richardson, 2000; Underwood & Findlay, 2004). Esta pode igualmente assemelhar-se à infidelidade emocional em casos nos quais a sua ocorrência decorra do interesse em explorar ligações afetivas intensas com o parceiro *online* (Henline et al., 2007). Deste modo, os casos *online* ocorrem de diversas formas, havendo a hipótese de estes serem perpetrados com apenas um utilizador ou serem alargados a diversos utilizadores, podendo ou não se prolongar no tempo, sendo que o aspeto do secretismo para com o parceiro da relação primária está habitualmente presente (Raguram & Mao, 2009).

No que toca ao modo como os diferentes géneros vivenciam a infidelidade, encontra-se interculturalmente difundida a ideia de que os homens tendem a cometer mais atos de infidelidade do que as mulheres (Allen & Baucom, 2004; Wiederman, 1997) e, apesar de diversos autores defenderem que estas diferenças entre géneros se atenuaram nas últimas décadas (Atkins et al., 2001; Glass & Wright, 1985; Oliver & Hyde, 1993; Prins et al., 1993; Wiederman & Hurd, 1999), no estudo de Garg e Ruhela (2015), os jovens adultos do género masculino apresentaram níveis mais elevados de aprovação face à ocorrência de infidelidade (28%) comparativamente aos do género feminino (2%).

1.2.1. Infidelidade no Namoro

A fidelidade é uma das exigências mais consensualmente direcionadas para o companheiro, sendo que a perceção de exclusividade frequentemente se encontra inerente ao compromisso estabelecido num relacionamento de namoro (Allen & Baucom, 2006). Ainda que o período de namoro seja conceptualizado como uma fase exploratória para a relação entre duas pessoas, geralmente associada a um menor nível de seriedade quando comparada com o casamento, a maioria dos jovens considera que a fidelidade é um valor que deve ser respeitado independentemente do tipo de relação estabelecida, não fazendo distinção entre o namoro e o casamento (Watkins & Boon, 2015; Sheppard et al., 1995). Assim, no estudo de Watkins e Boon (2015), realizado com jovens comprometidos em relacionamentos amorosos, 82.47% dos participantes revelou níveis elevados de desaprovação relativamente à infidelidade em relações de namoro.

Apesar disto, o estudo de Allen e Baucom (2006), realizado com casais de jovens universitários, revelou que mais de metade dos participantes se envolveram numa conexão emocional e/ou física com alguém que não o seu parceiro amoroso nos últimos dois anos. Estes resultados vão ao encontro dos de Hall e Fincham (2009), com uma população com as mesmas características; estes autores verificaram que um terço dos participantes revelou ser infiel ao seu parceiro amoroso, física e/ou emocionalmente, durante a relação. Deste modo, a ambivalência entre o modo como os jovens adultos reprovam a infidelidade e a sua prevalência nas relações que estabelecem pode ser compreendida à luz de uma perspetiva desenvolvimental (Norona et al., 2018).

O facto de a adulez emergente representar um período de exploração de identidade aos mais diversos níveis, nomeadamente no que toca ao domínio amoroso e sexual, leva a que os jovens adultos se encontrem divididos entre a vontade de experimentar diversas alternativas nesses campos (essenciais à criação de uma identidade) e a vontade de estabelecer uma relação íntima com um parceiro amoroso, o que envolve compromisso e fidelidade (Feldman & Cauffman, 1999). Este paradoxo entre a procura por independência e o desejo de criação de interdependência com o outro poderá fazer com que os jovens considerem a infidelidade moralmente errada, mas ainda assim incorram em comportamentos de infidelidade (Feldman & Cauffman, 1999). Dessa forma, quando comprometidos num relacionamento amoroso, os jovens adultos frequentemente analisam aquilo que este lhes proporciona e comparam com aquilo que este não proporciona e gostavam que proporcionasse (Norona et al., 2018). Ao perceber que a relação primária não lhes permite suprir determinadas necessidades desenvolvimentais, podem optar por procurar outros parceiros e relacionamentos que cumpram essa função, o que os leva a envolver-se em casos extradiádicos (Watkins & Boon, 2015; Norona et al., 2018). Todas estas nuances resultam numa particular complexidade na elaboração de uma definição de infidelidade nesta fase desenvolvimental.

1.2.2. Variáveis que Influenciam a Ocorrência de Infidelidade

A investigação acerca da presente temática relata uma correlação positiva entre a qualidade do relacionamento amoroso percebida por cada um dos seus elementos e a existência de atitudes e crenças negativas relativamente à infidelidade, o que sugere que indivíduos que se encontram em relações que são percebidas como satisfatórias, mais dificilmente se envolverão em ocorrências extradiádicas, uma vez que terão mais benefícios a perder caso aquele relacionamento termine (Silva et al., 2017) e, conseqüentemente, procederão a tomadas de decisão mais ponderadas (Owen et al., 2013). Previti e Amato (2004) sugerem que a infidelidade pode tanto ser considerada um fator causador de uma relação pouco saudável e insatisfatória, como surgir como consequência de uma relação com essas características.

Assim, é também possível identificar alguns fatores de risco que são considerados promotores da ocorrência de infidelidade em relações de namoro. Primeiro, a permissividade face à infidelidade por parte de algum dos elementos do casal, tanto através do seu sistema de crenças, como das atitudes que toma, o que leva a que indivíduos que demonstram mais tolerância face à infidelidade tenham maior probabilidade de vir a trair o parceiro amoroso (Treas & Giesen, 2000). Segundo, a comunicação negativa e pouco funcional no casal (Silva et al., 2017) e os altos níveis de conflito diádico (Martins et al., 2016). Finalmente, a existência de histórico de infidelidades prévias, uma vez que a probabilidade de os indivíduos que se envolvem em casos extradiádicos o voltarem a fazer é elevada (Silva et al., 2017; Wiederman & Hurd, 1999).

Através do seu estudo, Drigotas et al. (1999) definiram cinco motivos que comumente influenciam a ocorrência de infidelidade, entre eles: (i) o domínio da sexualidade, isto é, o desejo de envolvimento em diversas experiências sexuais e a insatisfação face à relação primária podem constituir fatores promotores para a mesma; (ii) o domínio da satisfação emocional, uma vez que a frustração desta necessidade pode levar à procura de um reforço de autoestima e de um estabelecimento de conexão emocional com outra pessoa; (iii) o domínio do contexto social, na medida em que determinadas circunstâncias (e.g., ausência física do parceiro amoroso) constituem oportunidade para a mencionada ocorrência; (iv) o domínio das atitudes e normas, referindo a permissividade anteriormente mencionada como um fator de risco; e (v) o domínio da hostilidade relacionada com a vingança, uma vez que a infidelidade pode constituir um comportamento de retaliação para com o parceiro. Um estudo recente encontrou motivações semelhantes, entre elas a procura por diversidade sexual e o desejo de aumento de autoestima e autonomia (Selterman et al., 2019).

As atitudes relativamente à infidelidade parecem ser influenciadas pela interação entre outras variáveis, nomeadamente a cultura (Knodel et al., 1997), o género do indivíduo que comete a infidelidade (Glass & Wright, 1985), o tipo de relação primária (isto é, se é uma relação heterossexual, homossexual ou outra), bem como se constitui uma relação de namoro, um casamento, entre outros (Blow & Hartnett, 2005), e a experiência prévia no que toca à infidelidade. Esta experiência pode ter sido vivenciada diretamente pela pessoa [isto é, a ocorrência de infidelidade ter sido perpetrada ou sofrida pelo(a) próprio(a)] ou indiretamente [ou seja, o(a) próprio(a) ter sido exposto(a) à ocorrência da infidelidade e às consequências advindas desta] (Wiederman, 1997).

A família de origem parece exercer uma influência significativa nas crenças e atitudes que os jovens adultos têm acerca de relacionamentos amorosos, impactando o seu desenvolvimento afetivo (Willoughby et al., 2012). A relação conjugal observada entre os pais (ou outras figuras significativas) leva os jovens a desenvolver expectativas sobre o que representa uma relação amorosa entre duas pessoas, fazendo com que este seja um dos principais modelos de referência (Willoughby et al., 2012).

Assim, não só padrões comunicacionais e estilos de conflito, como também comportamentos de infidelidade poderão ser integrados como normativos numa perspetiva transgeracional, o que leva a que indivíduos cujos pais tenham vivenciado essa ocorrência se envolvam mais frequentemente em casos extradiádicos quando se encontram num relacionamento amoroso (Platt et al., 2008). Estes jovens poderão ter tendência a elaborar uma visão negativa das pessoas que os rodeiam, ao considerar que estas não são dignas de confiança e que as suas intenções em relacionamentos amorosos são duvidosas, o que os pode levar a envolverem-se em comportamentos desviantes e a sabotarem os seus relacionamentos (Platt et al., 2008). Uma vez que alguns destes jovens não têm uma vasta experiência prévia de envolvimento em relacionamentos afetivo-sexuais, as suas representações são, em parte, construídas tendo por base aquilo que observam, tanto em ambiente familiar como em contexto social, com pares (Santos & Murta, 2016). Deste modo, também os amigos aparentam ter um papel relevante na construção de crenças e atitudes dos jovens (Harris, 1995), encontrando-se, geralmente, numa fase de vida semelhante, o que leva a que experienciem situações idênticas e as partilhem em grupo de pares, promovendo momentos de aprendizagem interpessoal acerca de diversos domínios, nomeadamente no que toca aos relacionamentos amorosos (Santos & Murta, 2016).

1.2.3. Consequências da Infidelidade no Namoro

A infidelidade é tipicamente vivenciada como um evento traumático por quem a sofre e por quem a pratica, trazendo consequências negativas no domínio intrapessoal e interpessoal (Luo et al., 2010; Roos et al., 2019). Considerando que as relações de namoro constituem tubos de ensaio para relações amorosas maduras e que as pessoas que se envolvem nelas são, geralmente, mais jovens, o impacto causado por tal ocorrência nesta fase é bastante exacerbado, uma vez que os jovens possuem menos recursos emocionais para gerir situações de stresse do que um adulto com mais experiência de vida (Roos et al., 2019).

Atualmente os jovens adultos comprometem-se em relações a longo prazo para as quais projetam um elevado nível de investimento, o que gera expectativas de reciprocidade no que toca ao comportamento do parceiro amoroso (Roos et al., 2019). Quando a infidelidade ocorre, surge o risco de o elemento que a sofre desenvolver um grau significativo de perturbação psicológica (Cano & O'Leary, 2000), envolvendo a dificuldade em confiar nas pessoas e no mundo que o rodeia, bem como a perda de capacidade para fazer previsões futuras em relação aos mesmos, sentimentos de confusão, impotência (Roos et al., 2019), fúria e depressão (Henline et al., 2007) e, ainda, cognições negativas acerca de si próprio (Roos et al., 2019). É, assim, possível estabelecer um paralelismo com a Perturbação de Stresse Pós-Traumático, uma vez que alguns dos jovens que experienciam a ocorrência de infidelidade vivenciam pensamentos intrusivos, flashbacks angustiantes, evitação comportamental e psicológica, bem como sintomas fisiológicos de hiperexcitação e hipervigilância, todos estes característicos da mencionada perturbação mental (Roos et al., 2019).

A grande generalidade de relacionamentos amorosos termina após a descoberta de um caso de infidelidade, contudo, nem todos têm esse desfecho (Shackerlford et al., 2000), uma vez que, segundo Ausloos (1996), o sintoma pode também constituir uma oportunidade de transformação para o sistema. No estudo de Selterman et al. (2021), apenas 21,8% dos participantes reportaram ter mantido a relação primária após o seu parceiro descobrir a existência do caso extradiádico. Assim, alguns casais optam por dar continuidade à relação, no entanto, surgem sempre repercussões do acontecimento, nomeadamente no domínio da confiança. É frequente o elemento traído questionar incessantemente o parceiro acerca do envolvimento extradiádico, procurando agrupar todos os detalhes de modo a perceber o grau de gravidade da ocorrência, bem como o nível de ameaça que este outro relacionamento representa para o seu (Shackerlford et al., 2000). É igualmente comum o elemento

traído procurar garantias de que o parceiro não está apaixonado pelo terceiro elemento com quem se envolveu, assegurando a sua exclusividade emocional (Shackerlford et al., 2000). Também a violência interpessoal poderá surgir como consequência da ocorrência de infidelidade (Nemeth et al., 2012). Ainda assim, existe uma panóplia de outras possíveis reações a um acontecimento tão inesperado quanto este (Roos et al., 2019).

1.3. Relevância do Presente Estudo

A maior parte dos estudos existentes sobre infidelidade foram desenvolvidos tendo como foco de análise casais em coabitação e/ou casados. Desta forma, são escassas as investigações que procuram compreender a vivência da infidelidade em relações de namoro, em particular, na adultez emergente (McAnulty & Brineman, 2007; Roscoe et al., 1988). Esta lacuna pode, em parte, dever-se à dificuldade existente em definir o conceito de namoro, nomeadamente no que toca à clarificação daquilo que constituem as expectativas e atitudes características do namoro, uma vez que esta modalidade de relacionamento não conta com um compromisso tão formal ou explícito quanto o casamento, o que leva a que as regras que a regulam sejam mais variáveis (McAnulty & Brineman, 2007). Também as violações da exclusividade do parceiro se tornam, assim, mais difíceis de definir, o que complexifica a definição de infidelidade nas relações de namoro (McAnulty & Brineman, 2007).

A taxa de infidelidade em relações de namoro parece ser elevada, tendo assumido uma expressão de 70% no estudo de Allen e Baucom (2006). Esta é também a maior causa para a dissolução de relações de namoro (Garg & Ruhela, 2015). Por tudo isto, torna-se fundamental compreender a ocorrência deste fenómeno e os contornos particulares que assume nas relações de namoro entre jovens adultos.

O presente estudo visa compreender as crenças e atitudes que os jovens adultos têm face à infidelidade em relações de namoro, bem como os fatores de risco, isto é, os que promovem a infidelidade nas mesmas, e os fatores de proteção, ou seja, os que previnem a infidelidade nas mesmas. Este procurará analisar essas mesmas crenças e atitudes à luz da influência de variáveis contextuais, como o seio familiar, o núcleo de amigos e as experiências prévias dos jovens adultos, procurando compreender aquilo que os leva a pensar do modo que pensam, o que se encontra pouco explorado na literatura.

II – Objetivos

Esta investigação pretende compreender as crenças e atitudes que os jovens adultos portugueses têm face à infidelidade em relações de namoro, bem como a influência de variáveis contextuais, tais como sistema familiar e pares, nestas mesmas crenças e atitudes. Assim, para além de procurar identificar as representações dos jovens quanto ao fenómeno, estudando os fatores de risco e os fatores de proteção para a ocorrência do mesmo, esta investigação pretende também analisar os processos de construção que estão na origem das representações sociais face à infidelidade.

III – Metodologia

3.1. Desenho da Investigação

A posição epistemológica assumida na presente investigação corresponde ao paradigma pós-positivista construcionista. Este paradigma compreende a realidade como algo que não é mensurável, observável ou objetivo, mas como algo subjetivo que é construído socialmente através da linguagem (Willig, 2013). Assim, ao invés de a linguagem puramente descrever um fenómeno existente na realidade, esta constrói o fenómeno, através de uma interpretação da realidade que o faz emergir (Willig, 2013). Desta forma, nenhuma versão da realidade é igual a uma outra, uma vez que a interpretação que um investigador faz da mesma é significativamente impactada pelas suas experiências e vivências, bem como pelo seu conhecimento adquirido, fatores que fazem desta uma leitura singular (Willig, 2013).

Assim, foi desenhada uma investigação de carácter qualitativo sob a forma de entrevistas individuais semi-estruturadas. Este método foi escolhido devido à complexidade inerente à temática da infidelidade, bem como porque esta tem uma probabilidade significativa de suscitar sensibilidade em alguns dos participantes, o que se pode refletir em comportamentos não verbais não detetáveis através de outros métodos.

Pretendemos estudar a infidelidade dando voz aos participantes e às suas experiências, recorrendo à linguagem como meio para a recolha de informação, pelo que as entrevistas realizadas foram maioritariamente compostas por questões de resposta aberta. Os dados recolhidos foram estudados através de uma análise temática que contou com o suporte da plataforma de análise de dados qualitativos, *Nvivo*[®].

3.2. Participantes

A amostra é composta por 8 participantes ($N=8$), sendo que quatro deles são do género masculino e outros quatro do género feminino. As suas idades compreendem-se entre os 18 e os 25 anos [$M=21.38$, $DP=15.37$; o intervalo de idades foi o único critério de inclusão definido, atendendo à conceptualização proposta por Arnett (2000)].

No que toca às áreas de residência dos participantes, estes são de diferentes cidades, entre elas Ponte de Lima ($n=1$), Aveiro ($n=1$), Viseu ($n=1$), Leiria ($n=2$), Santarém ($n=1$) e Coimbra ($n=2$). A maioria dos participantes encontra-se comprometida numa relação de namoro ($n=7$), sendo que quatro dos participantes estão envolvidos numa relação de namoro assumida sem coabitação, dois deles numa relação de namoro assumida com coabitação e um(a) deles numa relação de namoro não assumida. Apenas um(a) participante não se encontra atualmente envolvido numa relação de namoro, ainda que no passado tenha experienciado uma relação de namoro assumida sem coabitação.

3.3. Instrumento para Recolha de Dados

3.3.1. Questionário Sociodemográfico

Foi desenvolvido um questionário sociodemográfico para o efeito específico do presente estudo (ver Apêndice A). O questionário sociodemográfico é composto por questões relativas à idade dos participantes, ao género com o qual se identificam, à sua área de residência, à situação amorosa em que se encontram atualmente (isto é, se estão ou não comprometidos numa relação de namoro), bem como ao estatuto que atribuem à relação em que se encontram (relação de namoro não assumida, relação de namoro assumida sem coabitação, relação de namoro assumida com coabitação e casamento) ou ao estatuto que atribuem à relação passada, caso não se encontrem numa atualmente, mas já tenham tido anteriormente.

3.3.2. Entrevista Individual Semiestruturada

Foi elaborada uma entrevista individual semiestruturada, também ela para o efeito específico da presente investigação (ver Apêndice B), sendo que a sua construção teve por base a literatura existente acerca da temática da infidelidade em relações de namoro na adultez emergente e os objetivos do presente estudo. Esta é composta por nove categorias que pretendem compreender diferentes construtos relativos à infidelidade em relações de namoro, sendo elas: Prevalência da ocorrência infidelidade (e.g., Imagina uma escala de 1 a 10, em que 1 é nada e 10 é muito, quanto é que achas que as pessoas da tua idade são infiéis ao/à namorado/a?); Definição de infidelidade (e.g., Como é que defines a infidelidade?); Fatores que contribuem para a ocorrência de infidelidade em relações de namoro (e.g., Que fatores é que consideras que podem contribuir para a ocorrência de infidelidade numa relação de namoro?); Diferenças de género que atuam no modo de vivenciar a infidelidade em relações de namoro (e.g., Imagina uma relação de namoro, entre um homem e uma mulher, sendo que nesta relação ocorre uma traição... Estás a imaginar? Imaginaste a pessoa infiel a ser um homem ou uma mulher?); Função que a infidelidade assume em relações de namoro (e.g., Que ganhos e que perdas consideras que advêm da ocorrência de infidelidade numa relação de namoro?); Fatores que influenciam a conotação que o/a próprio/a atribui a uma ocorrência de infidelidade (e.g., Que fatores é que tens em conta quando avalias uma situação em que ocorra infidelidade como mais ou menos aceitável numa determinada relação?); Evolução da perceção e vivência da infidelidade com o passar do tempo (e.g., Qual é a tua perspetiva acerca da infidelidade ao longo do tempo, desde o tempo dos nossos avós até à atualidade?); Origem da formulação de crenças e atitudes que o/a próprio/a possui (e.g., Que fatores é que consideras que influenciam mais fortemente as tuas crenças acerca da infidelidade?); Construção de relações de namoro à prova de infidelidade (e.g., Como consideras ser possível construir uma relação de namoro à prova de infidelidade?). Pelas 9 dimensões encontravam-se distribuídas 11 perguntas gerais contendo algumas subquestões (ver Apêndice B).

3.4. Procedimentos de Recolha de Dados

Os jovens foram selecionados através de um método de amostragem não probabilístico, denominado amostragem por conveniência, uma vez que a seleção se baseou, em parte, na disponibilidade e conveniência dos indivíduos em participar no estudo (Creswell & Creswell, 2017). Neste sentido, nem todos os indivíduos abrangidos pelo critério de inclusão tiveram a mesma probabilidade de participar no estudo. Deste modo, o investigador estabeleceu contacto com os participantes por intermédio de indivíduos do seu conhecimento, sendo que o contacto inicial com os mesmos se deu via *online*, através da troca de mensagens de texto nas redes sociais. Este incluiu a partilha de uma breve explicação dos objetivos do estudo e das implicações da participação neste, para

que os jovens pudessem avaliar o seu nível de interesse. Dos 10 jovens adultos contactados, 8 aceitaram participar na investigação, sendo que a justificação de ambos os jovens que rejeitaram foi ao encontro do facto de não considerarem ter experiência suficiente com relacionamentos amorosos para dar um contributo significativo ao presente estudo.

A modalidade selecionada para a realização das entrevistas foi a *online*, por forma a facilitar o contacto com jovens de diversas zonas do país. Aos jovens que aceitaram participar, foi então questionada a sua disponibilidade para a realização da reunião, sendo que esta foi conjugada com a disponibilidade do investigador. Foi-lhes igualmente pedido o seu endereço de e-mail, para que tanto o convite para a reunião *online* como o consentimento informado após a reunião pudessem ser enviados por esse meio. A plataforma utilizada para a realização das entrevistas foi o *Microsoft Teams*, uma vez que este permite a realização de reuniões com duração indeterminada.

As entrevistas contaram com uma duração média de 42 minutos, sendo que a mais curta durou 16 minutos e a mais longa durou 1 hora e 7 minutos. Este período integrou a apresentação do consentimento informado, a recolha de dados sociodemográficos e, por fim, a realização da entrevista propriamente dita. Previamente à realização das entrevistas, ocorreu um momento de conversa social, com o intuito de tranquilizar os participantes e clarificar as suas expectativas, bem como foi criado um espaço para fornecimento de feedback após o término da resposta às entrevistas, para que os jovens pudessem partilhar pensamentos, sentimentos ou dúvidas que tivessem surgido ao longo da entrevista. No consentimento informado que foi posteriormente enviado por e-mail (ver Apêndice C), foi fornecido um endereço de e-mail a partir do qual os jovens poderiam contactar os investigadores, caso a necessidade de partilha ou esclarecimento pós-investigação surgisse apenas mais tarde.

Questões éticas tais como o anonimato e confidencialidade dos participantes foram asseguradas, acautelando o sétimo princípio específico do Código Deontológico dos Psicólogos Portugueses (Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2011). Assim, o conteúdo das entrevistas foi gravado em formato de áudio, de modo a facilitar o processo de análise de dados, contudo, este foi unicamente utilizado para fins exclusivos da investigação, isto é, para a transcrição das entrevistas. Os ficheiros áudio das entrevistas foram destruídos assim que deixaram de serem necessários. Para além disso, quaisquer dados potencialmente identificadores dos participantes foram eliminados aquando da apresentação dos resultados. Esta informação foi contemplada no consentimento informado entregue a todos os participantes antes da resposta à entrevista, bem como os detalhes da investigação e todas as informações necessárias a uma participação voluntária e informada. Todos os participantes deram consentimento para a recolha e tratamento dos dados.

3.5. Procedimentos de Análise de Dados

Nas abordagens qualitativas, o investigador é visto como um instrumento central do processo de análise, pois é através dele que a realidade dos participantes é filtrada (Willig, 2013). No caso deste estudo, recorreu-se à análise temática (Braun & Clarke, 2006), como procedimento de análise de dados, e recorreu-se à plataforma *Nvivo*[®] para facilitar a manipulação dos dados. Este tipo de análise consiste num processo interpretativo no qual o investigador procura dados de potencial interesse, analisando-os e tentando atribuir-lhes códigos e/ou padrões de significado, mediante as suas semelhanças, sem, contudo, negligenciar as exceções (Braun & Clarke, 2006). O presente método de análise de dados envolve seis diferentes passos que devem ser sequenciais, ainda que possam surgir momentos de retrocesso (Braun & Clarke, 2006). Estes são os seguintes: (1) a familiarização do investigador com os dados obtidos, isto é, mesmo que tenha sido o próprio investigador a recolher os dados e este inicie a análise já com algum conhecimento dos mesmos, como é o caso do presente estudo, este deverá lê-los

múltiplas vezes; (2) a geração de códigos iniciais, resultante de uma análise profunda que procura atentar em possíveis padrões, mas também naquilo que de diferente surge nos dados recolhidos; (3) a busca por temas coerentes com os dados obtidos, ou seja, a organização dos códigos anteriormente gerados em temas e subtemas mais abrangentes, sendo que alguns códigos poderão não encaixar em qualquer tema e deverão, ainda assim, ser mantidos e analisados; (4) a revisão dos temas anteriormente definidos; (5) a escrita detalhada sobre aquilo que cada tema representa e o modo como contribui para a resposta à questão de investigação definida, produzindo uma ligação entre os temas delineados e os códigos gerados; e (6) a produção da divulgação dos resultados que deverá ser concisa, coerente, lógica e interessante, contando uma narrativa acerca da temática em estudo e apresentando exemplos de dados que sustentem a mesma, procurando relacioná-la com uma componente teórica (Braun & Clarke, 2006).

Na presente investigação, foi realizada uma transcrição verbatim dos dados, o mais exata e fiel possível ao discurso dos participantes.

IV – Resultados

A análise dos dados qualitativos resultou em dois temas principais: (1) **Crenças e Atitudes face à Infidelidade** e (2) **Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes face à Infidelidade**. Derivado do primeiro tema principal, surgiram oito subtemas: (4.1.1.) **Definição**; (4.1.2.) **Comportamentos**; (4.1.3.) **Antecedentes**; (4.1.4.) **Consequências**; (4.1.5.) **Fatores que Ditam a Gravidade da Ocorrência**; (4.1.6.) **Diferenças de Género** e (4.1.7.) **Evolução da Infidelidade ao Longo dos Últimos 40 Anos** (ver Figura 1). Já do segundo tema principal, emergiram quatro subtemas: (4.2.1.) **Família**; (4.2.2.) **Amigos**; (4.2.3.) **Cultura** e (4.2.4.) **Experiência Prévia** (ver Figura 2).

Figura 1

Árvore representativa do tema Crenças e Atitudes face à Infidelidade e os subtemas de segundo nível associados

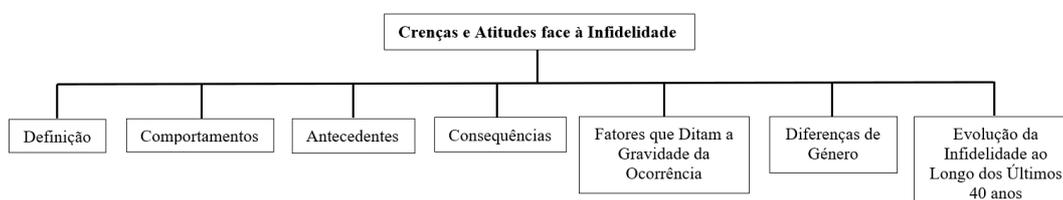
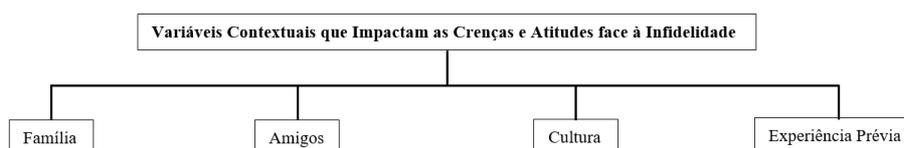


Figura 2

Árvore representativa do tema Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes face à Infidelidade e os subtemas de segundo nível associados



As definições para cada subtema serão apresentadas em seguida, sendo que entre parênteses se encontrará explícito o número de vezes que cada subtema foi referenciado (*N*) e o número de fontes nas quais foi mencionado (*F*). Serão apresentadas citações diretas do discurso dos participantes, com o intuito de ilustrar alguns dos subtemas abordados, pelo que apenas a inicial do nome do(a) participante e a sua idade serão revelados. Para eventuais esclarecimentos relativos aos temas e subtemas que emergiram, foi elaborada uma tabela com as suas definições e respetivos número de referências e fontes (ver Apêndice D).

É ainda de salientar que os subtemas que se encontram na parte superior das árvores constituem aqueles que mais expressão tiveram nos resultados da presente investigação.

Importa referir que a primeira questão do guião de entrevista foi uma pergunta fechada na qual se solicitava aos participantes a sua perceção sobre a prevalência da infidelidade em relações de namoro estabelecidas na sua faixa etária, numa escala de 0-10, em que zero corresponde à sua inexistência e

dez corresponde à sua existência abundante. Houve apenas uma resposta acima do número 6 e nenhuma delas se encontrou abaixo do número 3, pelo que a média de respostas foi 5 (ver Tabela 1).

Tabela 1

Tabela relativa à percepção dos jovens adultos no que toca à prevalência da infidelidade em relações de namoro vivenciadas na sua faixa etária

Participante	Avaliação da prevalência (0-10)
A.	3
E.	3
M.	5
R.A..	5
D.	6
I.	6
R.	6
J.	6,5/7

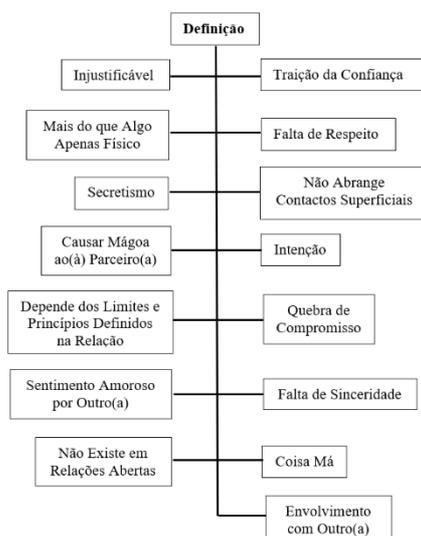
4.1. Tema principal 1: Crenças e Atitudes face à Infidelidade

4.1.1. Definição

O tema **Definição** refere-se às diferentes conceptualizações que os participantes fizeram da infidelidade e daquilo que esta representa para si ($N= 88$; $F= 8$). Este tema gerou quinze subtemas de segundo nível (ver Figura 3).

Figura 3

Árvore representativa do tema Definição e dos subtemas de segundo nível associados

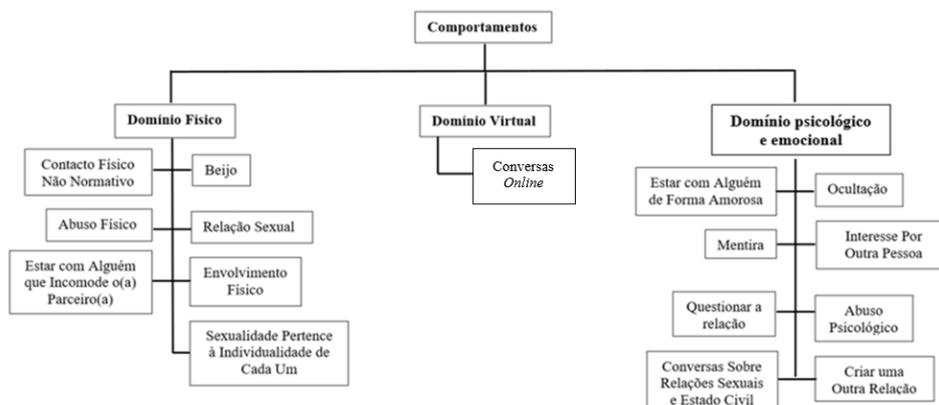


De entre estes quinze subtemas destacam-se o ser **Injustificável**, subtema mais mencionado ($N=24$; $F=7$) “Nada para mim é justificável ou aceite (...) é mesmo uma atitude que não me cabe na cabeça, que para mim não faz qualquer sentido” (J., 19 anos), o ser **Mais do que Algo Apenas Físico** ($N=11$; $F=6$) “Mesmo sem contacto físico (...) não precisa necessariamente de haver essa parte física” (R., 19 anos), a **Traição da Confiança** ($N=8$; $F=5$), o **Secretismo** envolvido “Coisas que (...) nós escondemos do nosso parceiro e que sabemos que se lhe disséssemos ele não ia gostar” (R.A., 23 anos), a **Intenção** que implica ($N=8$; $F=4$) e o ser uma **Falta de Respeito** ($N=5$; $F=3$) “A infidelidade para mim é tudo o que faça com que eu não respeite a pessoa com quem eu estou (...) que desrespeite direta ou indiretamente” (J., 19 anos).

4.1.2. Comportamentos

Figura 4

Árvore representativa do tema Comportamentos e dos subtemas associados: agrupados em Domínio Físico, Domínio Virtual e Domínio Psicológico e Emocional



Outro dos temas que emergiu refere-se aos **Comportamentos** que são considerados como manifestações de infidelidade por parte dos participantes, pelo que emergiram comportamentos de diferentes domínios, organizados em subtemas de segundo nível, sendo estes o (1) **Domínio Físico** ($N=28$; $F=8$), o (2) **Domínio Virtual** ($N=11$; $F=5$) e o (3) **Domínio Psicológico e Emocional** ($N=37$; $F=8$) (ver Figura 4).

No que concerne ao **Domínio Físico**, os participantes da nossa amostra consideram e o **Beijo** ($N=9$; $F=4$), o ter um **Contacto Físico Não Normativo** ($N=5$; $F=2$) “Qualquer coisa que envolva contacto físico que não é suposto haver” (R.A., 23 anos), o ter uma **Relação Sexual** ($N=4$; $F=3$) e o **Abuso Físico** ($N=1$; $F=1$) “O abusar da outra pessoa (...) o bater” (I., 23 anos) como manifestações de infidelidade. Em contraste, emergiu a ideia da **Sexualidade Enquanto Pertencente à Individualidade de Cada Um**, segundo a qual comportamentos deste cariz não são considerados manifestações de infidelidade ($N=2$; $F=1$) “A sexualidade, a parte física, de cada um (...) acho que essa parte ainda está dentro das liberdades individuais, mas não da relação” (E., 20 anos).

Do **Domínio Virtual**, surgiu apenas um subtema de terceiro nível, as **Conversas Online**, tendo este sido o comportamento mais mencionado e referido por mais participantes ($N=11$; $F=5$) “Uma pessoa é infiel a partir do momento em que, por exemplo, tá numa relação (...) e tá a falar com outra pessoa (...) por mensagens, com a intenção de” (A., 21 anos).

Já do **Domínio Psicológico e Emocional**, emergiram oito subtemas de terceiro nível, de entre os quais se destaca a **Ocultação** ($N=9$; $F=2$):

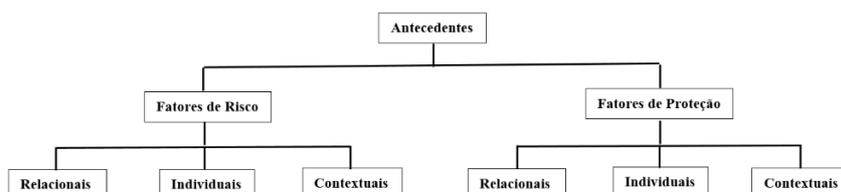
Tudo o que seja ocultar, qualquer pormenor da minha vida pessoal que eu sei que pudesse interferir na relação ou naquilo que está a ser vivido e sei que vou ocultar porque terei consequências em relação a isso, acho que é um ato também de infidelidade. (J., 19 anos)

Emergiu também o **Interesse Por Outra Pessoa** ($N=4$; $F=2$) “Mesmo sem contacto físico, só o facto de se interessar por outra pessoa já seria infidelidade” (R., 19 anos), o **Estar com Alguém de Forma Amorosa** ($N=3$; $F=3$) e o **Abuso Psicológico** ($N=3$; $F=1$) “O abusar da outra pessoa a nível psicológico (...), o chamar nomes” (I., 23 anos).

4.1.3. Antecedentes

Figura 5

Árvore representativa do tema Antecedentes: agrupados em Fatores de Risco e Fatores de Proteção e estes, por sua vez, agrupados em Relacionais, Individuais e Contextuais

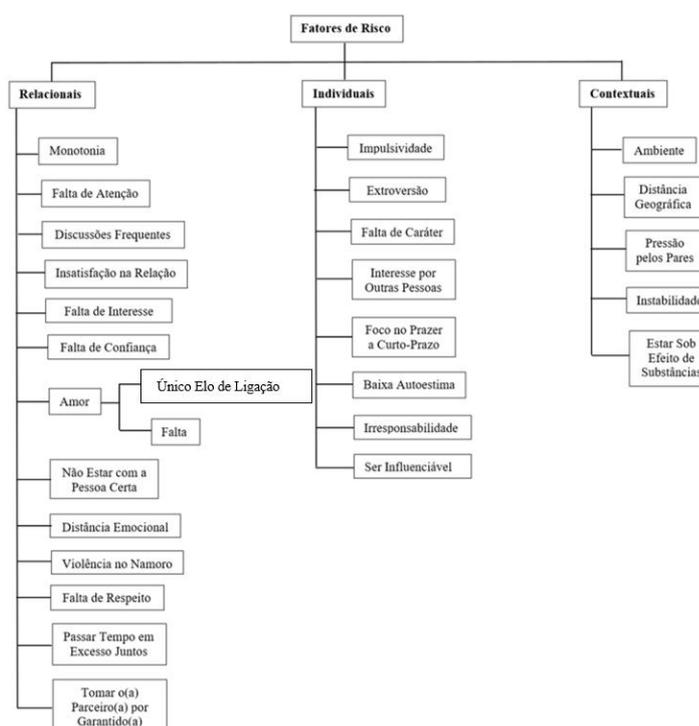


O tema **Antecedentes** refere-se aos **Fatores de Risco** e aos **Fatores de Proteção** que podem, respetivamente, promover e prevenir a infidelidade em relações de namoro, sendo que estes foram subdivididos em (1) **Relacionais**, isto é, característicos da relação em si mesma, (2) **Individuais**, ou

seja, característicos da personalidade de cada um dos elementos e, por fim, (3) **Contextuais** (ver Figura 5). Tendo em conta tanto os fatores de risco como os de proteção, é possível aferir que os fatores **Relacionais** foram os mais referidos e mencionados por todos os participantes ($N=156$; $F=8$), sendo que os **Individuais** e os **Contextuais** foram mencionados o mesmo número de vezes pelo mesmo número de participantes ($N=44$; $F=7$).

Figura 6

Árvore representativa do subtema de segundo nível Fatores de Risco e subtemas associados: agrupados em Relacionais, Individuais e Contextuais



No domínio dos **Fatores de Risco Relacionais** surgiram catorze subtemas de terceiro nível (ver Figura 6), sendo que a **Monotonia** foi o subtema mencionado um maior número de vezes ($N=15$; $F=5$) “Quando uma pessoa se aborrece e depois quer procurar uma coisa diferente, porque é novo” (A., 21 anos), ainda que tenha paradoxalmente surgido a opinião de que a monotonia pode tornar-se algo positivo ($N=2$; $F=1$) “Se for a monotonia de ter uma boa rotina, porque eu acho que podemos focar-nos em ter uma boa rotina, uma rotina divertida, uma rotina que queiramos passar tempo com essa pessoa (...) isso já depende das duas pessoas” (R., 19 anos). Emergiram ainda outros fatores de risco relacionais, tais como o **Amor**, sendo que tanto a sua existência enquanto **Único Elo de Ligação** entre o casal foi associada a um fator promotor da infidelidade ($N=2$; $F=2$) “Amor, paixão (...) isso é tudo coisas que chega a um ponto que... que podem ser afetadas por outras” (R.A., 23 anos), como a sua **Falta** ($N=3$; $F=3$):

Acho mais difícil uma pessoa ser muito fiel quando não gosta muito da outra pessoa do que quando gosta, quando gosta é simplesmente juntar o útil ao agradável, (...) quando não se gosta e as tentações são grandes acho que é bastante, presumo que seja difícil. (R., 19 anos)

Também as **Discussões Frequentes** emergiram como fator de risco relacional ($N=7$; $F=2$) “*Se calhar se me chatear regularmente com a minha namorada, se calhar há um período em que não tenho tanta vontade de tar com ela*” (R., 19 anos).

No que toca aos **Fatores de Risco Individuais**, surgiram oito subtemas de terceiro nível, sendo que a **Impulsividade** foi o subtema referido um maior número de vezes ($N=10$; $F=4$):

Eu acho que hoje em dia a nossa geração tem muito a tendência a ser impulsiva (...), muitas vezes não temos o tempo suficiente para conhecer a pessoa (...) e, entretanto, damos por nós num namoro assumido em que afinal por ter sido tão impulsivo não era bem aquilo que queríamos, e começamos (...) a ter todos aqueles comportamentos que para mim são considerados comportamentos infiéis. (J., 19 anos)

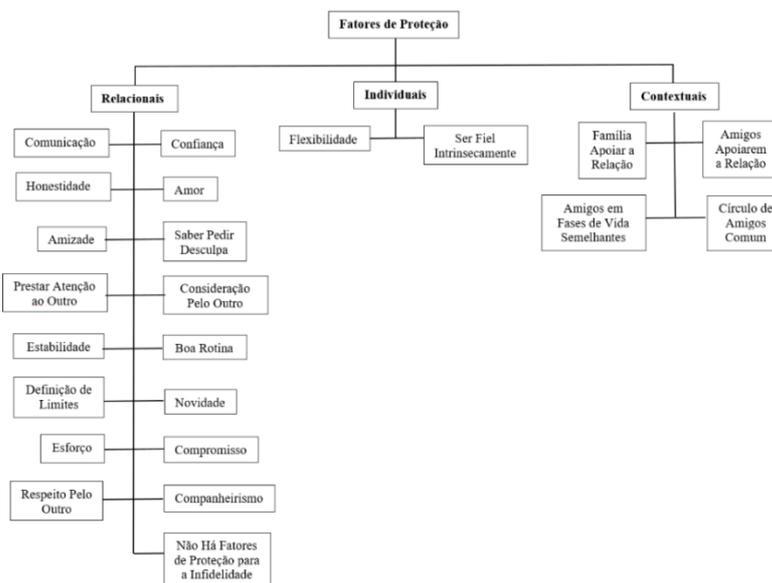
Também o **Interesse por Outras Pessoas** foi referido ($N=5$; $F=4$) “*Quando sentes que estás, lá está, nesses ambientes, nesse mar de gente e sentes que tudo aquilo são opções ou é um leque de oportunidades, é porque não é com aquela pessoa que tu devias estar*” (J., 19 anos), bem como a **Extroversão** ($N=5$; $F=2$) “*Se eu pensar nos meus amigos que traem mais, são extrovertidos*” (R., 19 anos).

No que respeita aos **Fatores de Risco Contextuais**, emergiram cinco subtemas de terceiro nível, dos quais se destacam o **Ambiente**, fator de risco mais mencionado pelos participantes da nossa amostra ($N=23$; $F=4$) “*As discotecas, acho que é (...) um contexto onde a infidelidade pode acontecer*” (I., 23 anos), a **Distância Geográfica** ($N=6$; $F=3$) “*Tarem à distância (...), a pessoa perde aquele, não é o carinho, mas perde, fica, precisa daquele carinho, está habituado a sentir contacto com a outra pessoa e às vezes, erradamente, procura noutra sítio*” (R.A., 23 anos) e a **Pressão pelos Pares** ($N=5$; $F=3$):

Os jovens adultos, ou adolescentes, para entrarem num grupo ou serem considerados daquele grupo de amigos fazem muita coisa e, portanto, se o desafio for se calhar ir ter com outra rapariga que não seja a namorada, se calhar a pessoa vai fazer para se inserir no grupo de amigos. (I., 23 anos)

Figura 7

Árvore representativa do subtema de segundo nível **Fatores de Proteção** e subtemas associados: agrupados em **Relacionais**, **Individuais** e **Contextuais**



No domínio dos **Fatores de Proteção Relacionais**, emergiram dezassete subtemas de terceiro nível (ver Figura 7). Destes dezassete, a **Comunicação** destaca-se, pois foi o subtema mencionado um maior número de vezes, tendo sido também referido por todos os participantes ($N=28$; $F=8$) “*A comunicação é importante, perceberes o que é que a pessoa com quem tu estás pensa ou sente, no dia a dia (...) como é que ela está, o que é que ela está a viver (...) a pensar*”(J., 19 anos). O segundo subtema mais referido foi a **Confiança** ($N=22$; $F=4$):

Se eu sei que a minha namorada confia em mim, e se ela sabe que eu confio nela (...) dá-me sempre aquela, uma razão pelo menos que, independentemente do que aconteça, para não o fazer, por saber que há uma pessoa que tá a confiar em mim e que gosta de mim, e que não me faria o mesmo. (R.A., 23 anos)

Este foi seguido pela **Honestidade** ($N=12$; $F=4$) “*Acho que sendo honestos sempre não não se é infiel, porque mesmo (...) que se deixe de gostar de alguém da mesma maneira, se formos honestos, fala-se sobre isso*” (A., 21 anos). Surgiu ainda a ideia de que **Não Há Fatores de Proteção para a Infidelidade** ($N=1$; $F=1$) “*Não sinto que haja essa relação ideal em que seja 100% à prova de infidelidade (...) e acho que acaba por acontecer porque as pessoas não são perfeitas*” (E., 20 anos).

No que toca aos **Fatores de Proteção Individuais**, surgiram dois subtemas de terceiro nível, sendo estes a **Flexibilidade** ($N=2$; $F=2$) “*Eu acho que é muito importante não mudares pela pessoa, mas moldares-te à pessoa e a pessoa moldar-se a ti, no sentido de fazer coisas que ambos gostem*” (I., 23 anos) e o **Ser Fiel Intrinsecamente** ($N=2$; $F=1$) “*Acho que tem mesmo a ver com as pessoas em si, começa nas pessoas... Para construir uma relação de namoro à prova de infidelidade (...) é preciso teres duas pessoas que são à prova de infidelidade*” (R.A., 23 anos).

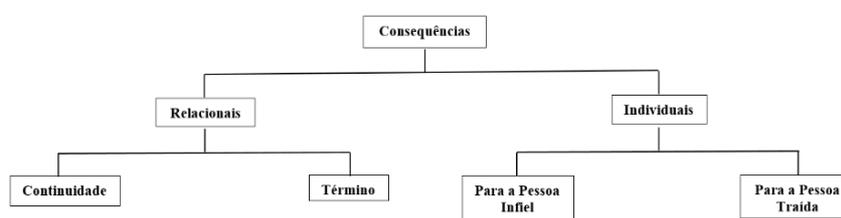
Já no que respeita aos **Fatores de Proteção Contextuais**, surgiram quatro subtemas de terceiro nível, nomeadamente o ter **Amigos em Fases de Vida Semelhantes** ($N=2$; $F=1$):

Se eu neste momento tivesse um grupo de amigos que fossem mais solteiros (...) se calhar a minha atitude seria outra (...) como tenho um seio de amigos que está muito no mesmo patamar de vida que eu estou neste momento, acabo por levar o conceito de outra maneira. (I., 23 anos)

4.1.4. Consequências

Figura 8

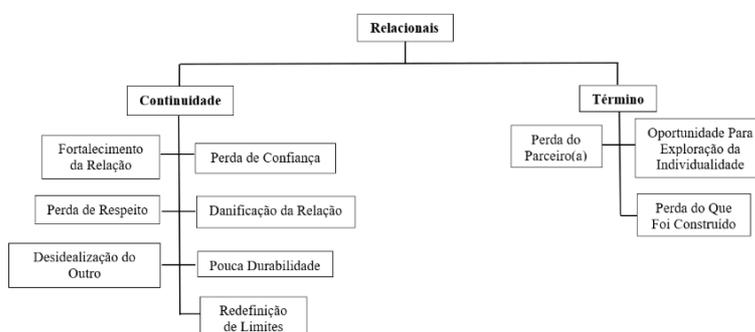
Árvore representativa do tema *Consequências*: agrupados em *Relacionais* e *Individuais*, respetivamente agrupados em *Continuidade* e *Término* e em *Para a Pessoa Infiel* e *Para a Pessoa Traída*



O tema **Consequências** diz respeito às consequências que poderão advir da ocorrência de infidelidade em relações de namoro, encontrando-se estes divididos em (1) **Relacionais** ($N= 48$; $F=7$) e (2) **Individuais** ($N=64$; $F=8$). As consequências **Relacionais**, por sua vez, subdividem-se em consequências que ocorrem em caso de (1) **Continuidade** do relacionamento ($N=30$; $F=4$) e em caso de (2) **Término** do relacionamento ($N=20$; $F=4$). As **Individuais** dividem-se em consequências (1) **Para a Pessoa Infiel** ($N=36$; $F=8$) e em consequências (2) **Para a Pessoa Traída** ($N=31$; $F=8$) (ver Figura 8).

Figura 9

Árvore representativa do subtema de segundo nível *Relacionais* e subtemas associados: agrupados em *Continuidade* e *Término*



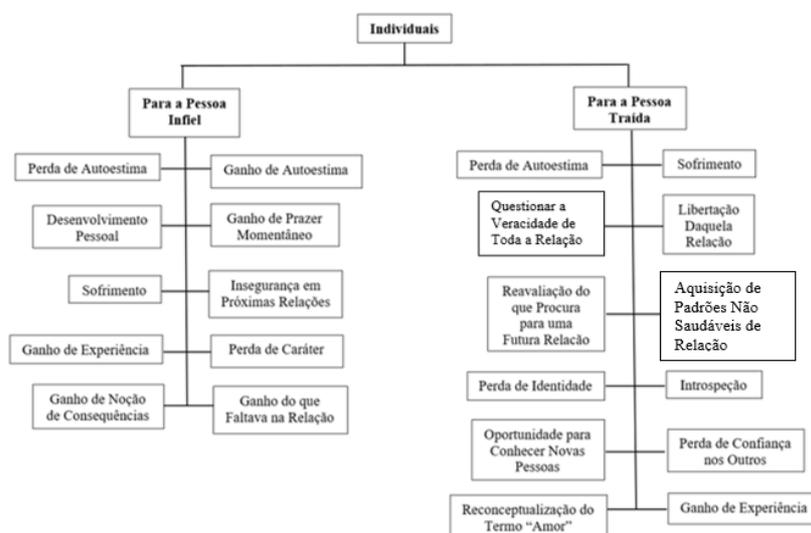
No domínio das consequências **Relacionais** que ocorrem aquando da **Continuidade** do relacionamento, surgiram sete subtemas de quarto nível (ver Figura 9), destacando-se o **Fortalecimento da Relação**, subtema mencionado um maior número de vezes ($N=8$; $F=3$) “*Acho que pode colocar as pessoas (...) numa necessidade de estarem mais vulneráveis, principalmente a pessoa que traiu... e*

mais abertas emocionalmente (...) acho que pode aumentar a ligação entre o casal” (E., 20 anos). Também a **Perda de Confiança** se destaca, tendo sido o subtema mencionado por um maior número de participantes ($N=7$; $F=4$), “Perderia logo a confiança total (...) e às vezes é muito muito difícil ou até impossível recuperar essa confiança” (A., 21 anos). Entre outros, surgiu ainda a **Desidealização do Outro** ($N=1$; $F=1$) “Aquela visão que tinhas pela pessoa deixa de existir, porque é inevitável que exista e... tanto de uma parte como de outra, nunca mais vais conseguir ver a pessoa da mesma maneira” (I., 23 anos).

Já no que toca às consequências **Relacionais** que ocorrem quando se dá o **Término** da relação, emergiram três subtemas de quarto nível, tendo sido a **Perda do Parceiro(a)** o mais mencionado ($N=7$; $F=4$).

Figura 10

Árvore representativa do subtema de segundo nível *Individuais* e subtemas associados: agrupados em *Para a Pessoa Infiel* e *Para a Pessoa Traída*



No que respeita às consequências **Individuais Para a Pessoa Infiel**, emergiram dez subtemas de quarto nível (ver Figura 10), sendo que os participantes mencionaram maioritariamente a **Perda de Autoestima** ($N=11$; $F=4$) “Se for algo (...) em que não se revê e se realmente acha que é um erro, uhm o sentimento de culpa pode consumir a pessoa (...) pode perder um bocado a confiança que tem em si própria” (E., 20 anos), também, paradoxalmente, o **Ganho de Autoestima** ($N=6$; $F=4$) “Aumenta a autoestima, (...) a pessoa sente-se bem, sente que está a fugir às regras” (R., 19 anos) e a **Insegurança em Próximas Relações** ($N=3$; $F=2$):

Certamente, da próxima vez que se relacionar com alguém uh, mesmo tendo sido ele o culpado ou culpada, estará muito mais de pé atrás por saber que não esperava aquela atitude dele mesmo e ainda assim. (J., 19 anos)

No domínio das consequências **Individuais Para a Pessoa Traída**, surgiram doze subtemas de quarto nível, destacando-se a **Perda de Autoestima**, subtema mais mencionado ($N=12$; $F=6$) “Há sempre uma fase em que perdes um bocadinho da confiança em ti mesmo e te perguntas o que é que

te... o que é que te faltou, o que é que tu fizeste de mal” (J., 19 anos), o **Sofrimento** ($N=4$; $F=4$) e a **Libertação da Relação** ($N=3$; $F=3$) *“A longo prazo se calhar acaba por ser um ponto positivo, porque não queremos estar com uma pessoa que seja propícia a isso”* (R., 19 anos). Surgiu também a **Aquisição de Padrões Não Saudáveis de Relação** ($N=1$; $F=1$) *“Acabas por deixar de acreditar um bocadinho que é possível teres alguém que não te faça aquilo (...) quando entras num relacionamento onde não há essa infidelidade, acabas por achar estranho, porque para ti o normal era haver”* (I., 23 anos).

4.1.5. Fatores que Ditam a Gravidade da Ocorrência

Figura 11

Árvore representativa do tema *Fatores que Ditam a Gravidade da Ocorrência* e subtemas associados



O tema **Fatores que Ditam a Gravidade da Ocorrência** refere-se aos parâmetros que os participantes revelaram ter em conta ao avaliar uma situação de infidelidade como sendo mais ou menos grave. Dentro deste tema surgiram catorze subtemas de segundo nível ($N=91$; $F=8$) (ver Figura 11).

O subtema mais mencionado e referido por todos os participantes foi a **Duração da Relação** ($N=22$; $F=8$), sendo que a maioria dos participantes relatou que quanto mais longa fosse a relação mais grave seria a ocorrência de infidelidade nesta:

Quanto mais uma relação dura, mais experiências nós temos com a pessoa (...) já me dei a abrir, já a introduzi na minha vida pessoal, certamente já a apresentei à minha família, já a levei a x ou a y sítio, lá está, mais pessoal, sinto que a gravidade e a falta de respeito é muito mais grave. (J., 19 anos)

O **Tipo de Infidelidade** cometida foi, também ele, considerado um fator relevante a atentar ($N=13$; $F=5$), sendo que as opiniões variaram entre a infidelidade de domínio físico ser mais grave [*“A infidelidade física, parece ser uma coisa mais grave (...) a ação parece mais concretizada (...) uma coisa é beijar uma pessoa, outra coisa é mandar uma mensagem (...) apesar de ser trair na mesma, não parece tão grave”*] (M., 22 anos) e a infidelidade de domínio psicológico e emocional ser mais grave [*“A parte emocional já é o que é mais forte numa relação para mim e é o que eu considero mais*

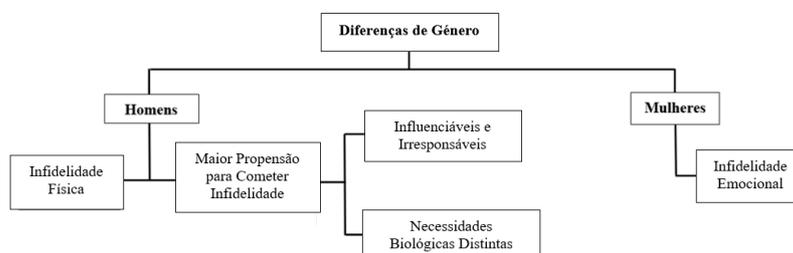
importante”] (E., 20 anos). A possibilidade de a pessoa infiel estar **Sob Efeito de Álcool** foi considerada um fator atenuante da gravidade da ocorrência por alguns participantes ($N=12$; $F=3$) *“Uma traição que aconteça sob efeito de álcool não é aceitável para mim, mas consigo ver como é que isso acontece”* (E., 20 anos), bem como o **Tipo de Relação** em que a infidelidade ocorre ($N=10$; $F=6$), pelo que quanto mais séria for considerada a relação, no que toca ao compromisso envolvido, mais grave se torna a infidelidade *“Na minha idade (...) em que ninguém vive junto, em que ninguém tem filhos com ninguém (...) em que não partilham responsabilidades (...) por mais que seja grave, não é tão grave, porque ainda não é algo tão sério”* (J., 19 anos). A **Toxicidade da Relação** foi também um fator referido ($N=4$; $F=3$), sendo que a infidelidade cometida por uma vítima de algum tipo de abuso foi associada a um menor grau de gravidade. Apesar de se ter revelado uma opinião com pouca expressão, o **Género de Quem Comete a Infidelidade** surgiu como outro dos fatores ($N=3$; $F=1$), sendo que um dos participantes relatou que, quando cometida por uma pessoa do género feminino, a ocorrência de infidelidade se torna mais grave:

Escolhia o género feminino (...) como mais grave, ficaria mais surpreso (...) o género feminino para trair... está mais relacionado com uma componente emocional, do que com um homem, e acho que isso quer dizer que se a mulher trai provavelmente a relação é mais provável de acabar, acho eu, porque quer dizer que ela já não gosta do homem. (R., 19 anos)

4.1.6. Diferenças de Género

Figura 12

Árvore representativa do tema Diferenças de Género e subtemas associados: agrupados em Homens e Mulheres



O tema **Diferenças de Género** na ocorrência de infidelidade reflete as distinções no modo como homens e mulheres vivenciam a ocorrência de infidelidade ($N=20$; $F=6$) (ver Figura 12), sendo que, de acordo com os participantes da nossa amostra, os **Homens** estão associados a uma **Maior Propensão para Cometer Infidelidade** ($N=8$; $F=5$) *“A maioria das vezes parte sempre do homem, esta questão da infidelidade, acho que é mesmo quase que uma questão estatística, fala-se de números”* (J., 19 anos).

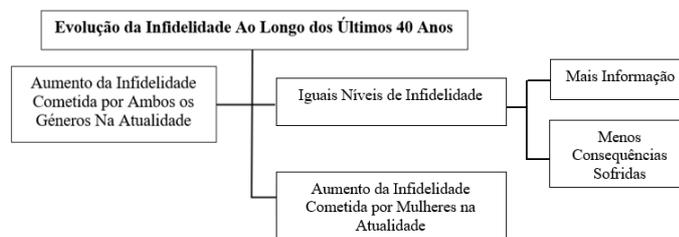
Dois subtemas de terceiro nível emergiram associados a esta maior propensão para os homens cometerem infidelidade, sendo estes fatores justificativos para o fenómeno, nomeadamente o facto de os **Homens** serem mais **Influenciáveis e Irresponsáveis** ($N=5$; $F=3$) *“Menos conscientes daquilo que fazem e das consequências daquilo que fazem”* (A., 21 anos) e de possuírem **Necessidades Biológicas Distintas** ($N=6$; $F=3$) *“Os homens (...) têm sempre mais necessidade uh... de toque físico, não é, têm sempre mais necessidade de ter aquela experiência sexual (...) a infidelidade parte precisamente disso, na necessidade de estar com alguém com m, com mais alguém”* (J., 19 anos). Deste modo, os **Homens**

surgiram mais associados à **Infidelidade Física** ($N=3$; $F=3$) e as **Mulheres à Infidelidade Emocional** ($N=3$; $F=3$).

4.1.7. Evolução da Infidelidade Ao Longo dos Últimos 40 Anos

Figura 13

Árvore representativa do tema *Evolução da Infidelidade Ao Longo dos Últimos 40 Anos* e subtemas associados



O presente tema reflete uma comparação entre a forma como os jovens percebem que a infidelidade é vivenciada e conceptualizada atualmente na sua faixa-etária e o modo como esta era vivenciada e conceptualizada por pessoas da mesma idade há 40 anos ($N=12$; $F=8$).

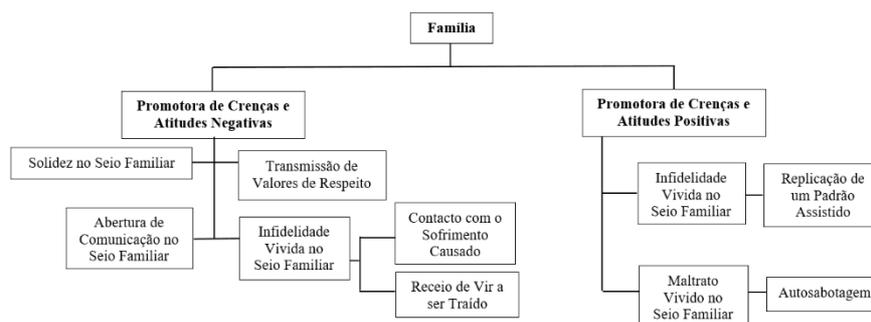
Neste domínio, surgiram três subtemas de segundo nível (ver Figura 13), sendo estes o **Aumento da Infidelidade Cometida por Ambos os Gêneros Na Atualidade** ($N=4$; $F=3$), o **Aumento da Infidelidade Cometida por Mulheres Na Atualidade** ($N=1$; $F=1$) “A diferença é que antigamente não se aceitava e...era uma coisa que na maioria, penso que seriam os homens a fazê-lo” (D., 25 anos) e, por fim, **Iguais Níveis de Infidelidade** ($N=7$; $F=4$) “Talvez fosse mais ou menos igual, as pessoas fossem infiéis na mesma medida” (A., 21 anos), justificando o seu aparente aumento com o facto de haver **Mais Informação** ($N=4$; $F=3$) “É cada vez mais fácil comunicar (...) saber onde é que o outro está, como é que o outro está, o que também faz com que seja cada vez mais fácil descobrir se o outro fez alguma coisa” (R.A., 23 anos) e de haver **Menos Consequências Sofridas** para quem a comete ($N=2$; $F=2$) “É algo que sempre existiu, talvez na mesma frequência, não é, mas que antigamente as coisas eram muito mais punidas, muito mais mal vistas e começou a ser algo normalizado” (J., 19 anos).

4.2. Tema principal 2: Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes Face à Infidelidade

4.2.1. Família

Figura 14

Árvore representativa do tema Família e subtemas associados, agrupados em Promotora de Crenças e Atitudes Negativas e Promotora de Crenças e Atitudes Positivas



Associado às **Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes Face à Infidelidade** surgiu o subtema **Família**, sendo que tanto surgiu enquanto (1) **Promotora de Crenças e Atitudes Negativas** ($N=37$; $F=8$), isto é, crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade, como surgiu enquanto (2) **Promotora de Crenças e Atitudes Positivas** ou seja, crenças e atitudes que conduzem à infidelidade (ver Figura 14).

No domínio da **Família** enquanto **Promotora de Crenças e Atitudes Negativas**, foram identificados cinco subtemas associados, destacando-se a **Ocorrência de Infidelidade no Seio Familiar**, associada ao **Contacto com o Sofrimento Causado** pela mesma ($N=10$; $F=7$):

Eu sinto que por eu ter experienciado essa situação e por ter visto em primeira mão as consequências que essa situação, que esse ato traz, uhm... É algo que me leva a depois crescer como pessoa e (...) quando me relaciono com pessoas ser aquele tipo de pessoa que realmente diz que nunca o faria porque sinto mesmo que nunca o farei (...) muda de facto o nosso comportamento, porque nós já sabemos o que é que nos esperará. (J., 19 anos)

Surgiu também associada ao **Receio de Vir a Ser Traído(a)** no futuro ($N=2$; $F=1$) “Poderia provocar inseguranças no meu comportamento de outra pessoa me trair, porque, por exemplo, alguém na minha família tinha sido traído” (R., 19 anos), bem como a **Solidez no Seio Familiar** ($N=5$; $F=3$) “Na minha família, pelo menos que eu saiba, nunca houve um cenário de traições (...) ou seja, foi um cenário que foi sempre considerado errado e que eu desde sempre considerei das piores coisas que se pode fazer” (R.A., 23 anos).

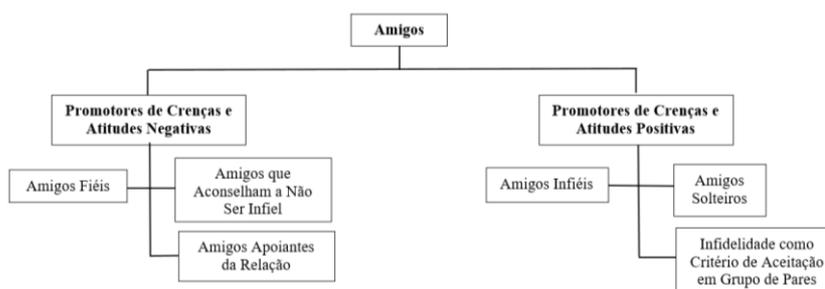
Já no que toca à **Família** enquanto **Promotora de Crenças e Atitudes Positivas**, foram identificados dois subtemas associados, sendo estes a **Ocorrência de Infidelidade no Seio Familiar**, associada à **Replicação de um Padrão Assistido** ($N=8$; $F=6$) “As nossas vivências podem delinear muito o que acontece num relacionamento (...) se para nós é normal, em contexto familiar, vemos uma traição, se calhar quando tivermos com outra pessoa (...) vamos achar que é normal trair” (I., 23 anos)

e o **Maltrato Vivido no Seio Familiar**, associado à **Autossabotagem** ($N=2; F=1$) “*Muita gente sabota a própria relação porque não tem confiança e não tá habituado a ser tratado bem, sempre foi tratado abaixo e aquilo vai contra o standard que tão habituados*” (R.A., 23 anos).

4.2.2. Amigos

Figura 15

Árvore representativa do tema **Amigos** e subtemas associados, agrupados em **Promotores de Crenças e Atitudes Negativas** e **Promotores de Crenças e Atitudes Positivas**



Também os **Amigos** foram um subtema que emergiu enquanto influenciador das crenças e atitudes dos jovens adultos face à infidelidade, tendo estes surgido enquanto (1) **Promotores de Crenças e Atitudes Negativas** ($N=3; F=3$), bem como enquanto (2) **Promotores de Crenças e Atitudes Positivas** ($N=11; F=6$) (Ver Figura 15).

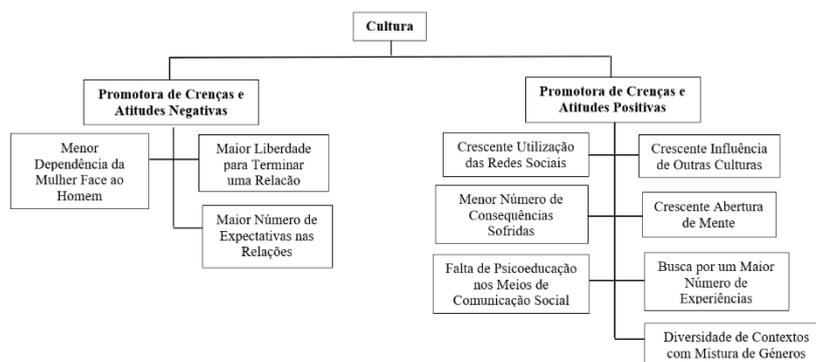
No domínio dos **Amigos** enquanto **Promotores de Crenças e Atitudes Negativas**, emergiram dois subtemas de terceiro nível, sendo estes o estar rodeado de **Amigos Fiéis** ($N=5; F=5$) “*Se estiveres com um grupo de pessoas que nunca o fariam, elas vão te proteger de que isso aconteça*” (R.A., 23 anos) e o estar rodeado de **Amigos Apoiantes da Relação** ($N=3; F=2$) “*Acho que é mais fácil tu respeitares uma pessoa com a qual o teu ambiente que te rodeia conheça e tenham respeito e tenham carinho, porque de certa maneira, (...) vais sempre ter aquele sentimento de responsabilidade e de pressão*” (J., 19 anos).

No que toca aos **Amigos** enquanto **Promotores de Crenças e Atitudes Positivas**, emergiram três subtemas de terceiro nível, sendo exemplos destes o estar rodeado de **Amigos Infiéis** ($N=7; F=3$) “*Se tens amigos que costumam trair, que são infiéis e isso tudo, o mais provável é que, juntando-te a um grupo desses, mesmo que sejas contra isso, mais cedo ou mais tarde isso talvez vá passar*” (R.A., 23 anos) e o estar rodeado de **Amigos Solteiros** ($N=2; F=2$).

4.2.3. Cultura

Figura 16

Árvore representativa do tema Cultura e subtemas associados, agrupados em Promotora de Crenças e Atitudes Negativas e Promotora de Crenças e Atitudes Positivas



A **Cultura** foi outro dos subtemas que emergiu enquanto influenciador das crenças e atitudes dos jovens adultos face à infidelidade, tanto como (1) **Promotora de Crenças e Atitudes Negativas** ($N=6$; $F=4$) como enquanto (2) **Promotora de Crenças e Atitudes Positivas** ($N=20$; $F=7$) (ver Figura 16).

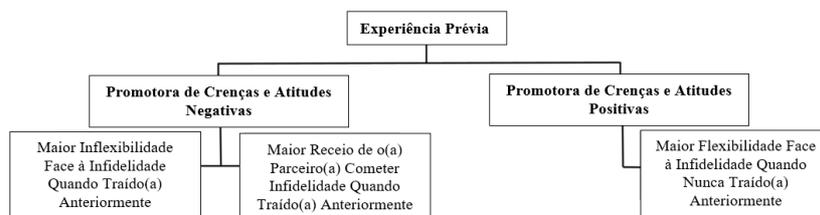
No domínio da **Cultura** enquanto **Promotora de Crenças e Atitudes Negativas**, surgiram três subtemas de terceiro nível, sendo estes a **Menor Dependência da Mulher Face ao Homem** ($N=3$; $F=3$) “*Por a mulher ser mais dependente do homem na altura, antes, geralmente, eu acho que tornava a coisa mais aceitável*” (A., 21 anos), a **Maior Liberdade Existente para Terminar uma Relação** ($N=2$; $F=2$) “*Agora há mais liberdade para terminar casamentos e relações, ou seja, se a pessoa tá interessada noutra, por um lado é mais fácil terminar*” (M., 22 anos) e o **Maior Número de Expectativas nas Relações** ($N=1$; $F=1$) “*Hoje em dia, as pessoas, como também esperam mais, as pessoas são mais ambiciosas, também esperam mais da própria relação (...) a infidelidade é encarada de uma maneira mais séria*” (R.A., 23 anos).

No que toca à **Cultura** enquanto **Promotora de Crenças e Atitudes Positivas**, emergiram sete subtemas de terceiro nível, sendo exemplos destes a **Crescente Utilização das Redes Sociais** ($N=5$; $F=3$) “*Têm acesso a outras pessoas e a muito mais pessoas e (...) facilmente se cria uma ideia uh imaginada de alguém uh nas redes sociais (...) é mais... uh propício a ficar interessado em alguém uh e é mais fácil o acesso a comunicação, é direta... basicamente*” (E., 20 anos), a **Crescente Abertura de Mente** ($N=4$; $F=2$) e a **Crescente Influência de Outras Culturas** ($N=4$; $F=2$) “*A cultura portuguesa também mudou um bocadinho, porque cada vez temos mais pessoas de culturas diferentes que vieram trazer muita coisa*” (I., 23 anos).

4.2.4. Experiência Prévia

Figura 17

Árvore representativa do tema *Experiência Prévia* e subtemas associados, agrupados em *Promotora de Crenças e Atitudes Negativas* e *Promotora de Crenças e Atitudes Positivas*



A **Experiência Prévia** foi a última variável contextual que emergiu enquanto influenciadora das crenças e atitudes dos jovens adultos face à infidelidade, surgindo tanto como (1) **Promotora de Crenças e Atitudes Negativas** ($N=9$; $F=6$), bem como (2) **Promotora de Crenças e Atitudes Positivas** ($N=1$; $F=1$) (ver Figura 17).

No domínio da **Experiência Prévia** enquanto **Promotora de Crenças e Atitudes Negativas**, surgiram dois subtemas de segundo nível, sendo estes a **Maior Inflexibilidade Face à Infidelidade Quando Traído(a) Anteriormente** ($N=3$; $F=2$) “*Eu até viver, tinha uma ideia, depois de viver nós passamos a ter outra (...) eu achava que tinha justificação, que a infidelidade tinha justificação e, depois... eu percebi que não*” (I., 23 anos) e o **Maior Receio de o(a) Parceiro(a) Cometer Infidelidade Quando Traído(a) Anteriormente** ($N=2$; $F=2$) “*Provavelmente, nos futuros relacionamentos vais ter sempre um pé atrás ou certas coisas que te vão fazer ir abaixo porque te fazem lembrar o que passaste anteriormente*” (I., 23 anos). Já no que toca à **Experiência Prévia** enquanto **Promotora de Crenças e Atitudes Positivas**, surgiu apenas um subtema, sendo este a **Maior Flexibilidade Face à Infidelidade Quando Nunca Traído(a) Anteriormente** ($N=1$; $F=1$) “*O facto de nunca ter sido traído é uma coisa que me deixa mais seguro, acho que se calhar se já tivesse sido traído uma vez teria uma opinião diferente (...) teria essa insegurança*” (R., 19 anos).

V – Discussão

O presente estudo procurou compreender as crenças e atitudes que os jovens adultos têm face à infidelidade em relações de namoro. Pretendeu-se ainda perceber qual a origem dessas crenças e atitudes, analisando a influência de diversas variáveis contextuais nos seus processos de construção. Surgiram, assim, dois temas principais, sendo estes (1) **Crenças e Atitudes face à Infidelidade** e (2) **Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes face à Infidelidade**.

5.1. Crenças e Atitudes face à Infidelidade

5.1.1. Definição

Um dos principais contributos da presente investigação foi a elaboração de uma definição de infidelidade na adultez emergente, tendo em conta as conceções transmitidas pelos jovens adultos nas 8 entrevistas realizadas. Este é um dos primeiros estudos qualitativos a estudar a infidelidade numa amostra de jovens adultos portugueses. Assim, a infidelidade nesta faixa etária parece ser vista como algo injustificável e intencional, que vai além do domínio meramente físico e que provoca a traição da confiança do(a) parceiro(a), através do secretismo envolvido, tornando-se uma falta de respeito para com este(a) e causando-lhe mágoa. Todavia, de acordo com os jovens entrevistados, são os limites e princípios definidos dentro da relação, consentidos por ambos os elementos do casal, que definem aquilo que constitui e aquilo que não constitui uma infidelidade. Esta definição vai ao encontro da literatura, uma vez que não coloca o foco da ocorrência de infidelidade apenas na componente física e/ou sexual, valorizando de forma mais significativa um possível envolvimento emocional com uma terceira pessoa (Henline et al., 2007). Corroborar também a ideia de Silva et al. (2017), no que diz respeito à infidelidade enquanto uma traição da confiança do parceiro(a), cometida através da quebra de um acordo implícito ou explícito, delimitador das regras que regulam a relação amorosa.

A injustificabilidade atribuída à ocorrência de infidelidade por todos os jovens adultos na presente investigação confirma os elevados níveis de desaprovação face à infidelidade também encontrados por Watkins e Boon (2015) numa população com características semelhantes. Para além disso, todas as conceptualizações de infidelidade que surgiram incidiram em crenças negativas acerca da mesma. No entanto, os participantes percecionaram a prevalência da infidelidade em relações de namoro na sua faixa etária como sendo significativa. Os jovens consideram que a infelicidade ocorre, em média, em metade das relações, o que corrobora estudos realizados anteriormente (Allen & Baucom, 2006; Hall & Fincham, 2009) e revela um paradoxo entre as crenças reveladas por estes e as atitudes tidas pelos jovens nas suas relações de namoro.

Neste domínio, salienta-se o discurso de um participante em que surgiu uma reflexão acerca do modo como os jovens adultos, na atualidade, têm uma elevada necessidade de ter várias e diversificadas experiências relacionais, justificando, assim, a elevada taxa de infidelidade em relações de namoro. No entanto, no discurso dos jovens adultos foram salientadas outras necessidades sentidas por estes, no domínio da partilha de momentos e do companheirismo, estas que parecem ser colmatadas pelo envolvimento em relações de namoro, tal como indica Turner (2003).

Emerge, desta forma, o paradoxo entre as diferentes necessidades que, segundo Arnett (2000), caracterizam o período da adultez emergente. Estas vão ao encontro de uma busca dos jovens por relações amorosas de maior duração, resultantes de mais elevados níveis de investimento, intimidade e compromisso, que permitam antever uma futura estabilização da conjugalidade, bem como, simultaneamente, de uma crescente exploração de identidade individual, que inclui a envolvimento numa

diversidade de experiências, nomeadamente do domínio amoroso e sexual. Assim, os jovens adultos revelaram sentir-se divididos entre as necessidades que encontram supridas através do envolvimento em relações de namoro e as necessidades que ficam por satisfazer através do envolvimento nestas, o que os poderá levar a cometer infidelidade, tal como refere Norona et al. (2018).

5.1.2. Comportamentos

Apesar das diferentes necessidades físicas e emocionais mencionadas, o envolvimento em conversas *online* com outra pessoa que não o(a) parceiro(a) foi o comportamento infiel mais mencionado pelos jovens adultos, o que corrobora a ideia de que houve uma mudança na forma como as ocorrências de infidelidade se dão na atualidade (Abbasi, 2019; Henline et al, 2007; Ouytsel et al., 2020; Raguram & Mao, 2009). Isto sugere também que não se verifica a ideia de que a infidelidade *online* é considerada menos relevante do que as suas formas tradicionais (Henline et al., 2007). Pelo contrário, a infidelidade *online* parece suscitar grande preocupação nos participantes do presente estudo.

Neste sentido, foram identificados pelos jovens alguns aspetos inerentes às redes sociais que promovem a ocorrência de infidelidade, nomeadamente, o acesso a uma multiplicidade de pessoas e à rápida comunicação com estas, semelhante ao referido por Ouytsel et al. (2020); bem como o contacto com a melhor faceta das pessoas, isto é, com os aspetos que estas consideram ser mais atraentes em si (pois é esse o conteúdo que as pessoas, tipicamente, escolhem partilhar *online*). Foi também referido que, em consequência destes aspetos, poderá emergir um desinteresse por pessoas “reais”, dotadas de defeitos e imperfeições, como é o caso do(a) parceiro(a) atual, eventualmente. Para além destes, alguns outros aspetos específicos das redes sociais foram identificados enquanto promotores da infidelidade, como, por exemplo, o facto de serem partilhados diversos vídeos que parodiam a temática, banalizando-a e influenciando os consumidores desse conteúdo a fazer o mesmo. Segundo Cipriano (2002), não só a internet, como também as telenovelas e os filmes, promovem a banalização e ridicularização da infidelidade, através da forma como a abordam.

A expressão que a infidelidade *online* obteve na presente investigação, reflete a dimensão que as tecnologias e redes sociais ocupam nesta faixa etária e o quão presentes estão nas suas vidas, sendo que está comprovado que a excessiva utilização destas impacta de forma negativa as relações primárias dos jovens (Marshall, 2012). Esta utilização pode constituir um intruso que, ao estar presente nos momentos em que os casais estão juntos, não só reduz o tempo de qualidade (McDaniel & Coyne, 2016) e a satisfação sentida na relação, como promove a ocorrência de infidelidade (Abbasi, 2019). Esta conclusão vai ao encontro de uma outra retirada do presente estudo, que sugere que a utilização das redes sociais poderá promover o aumento da infidelidade entre jovens adultos.

Alguns comportamentos característicos da violência no namoro surgiram enquanto comportamentos considerados infiéis, como por exemplo, chamar nomes e ter comportamentos físicos violentos, o que corrobora a definição de infidelidade enquanto ato que causa mágoa ao(à) parceiro(a). Por violência no namoro entende-se a ocorrência de atos violentos de carácter físico, psicológico e/ou sexual numa relação íntima entre duas (ou mais) pessoas, potencialmente provocadores de traumas físicos e/ou psicológicos (Teten et al., 2009), com o intuito de coação do outro (Pick et al., 2010). Assim, a existência de violência no namoro surgiu também enquanto fator de risco para a ocorrência de infidelidade, emergindo a ideia de que se torna mais provável que uma vítima de uma relação abusiva se sinta mais insatisfeita e que, por ter receio de terminar a relação, procure afeto em casos extradiádicos. Para além de haver maior probabilidade de ocorrência de infidelidade, segundo alguns dos jovens, um ato infiel torna-se também menos grave quando se dá devido à toxicidade vivida no seio de uma relação de namoro e à incapacidade da vítima de a terminar, tendo a toxicidade emergido

enquanto fator atenuante da gravidade atribuída à situação. De acordo com a literatura, o movimento inverso também ocorre, dado que, por vezes, também a infidelidade se torna um fator de risco para a ocorrência da violência no namoro (Nemeth et al., 2012), havendo frequentemente uma recursividade entre ambas (Cavaler et al., 2021).

Por outro lado, comportamentos que, quando emitidos de forma exacerbada, são característicos da violência no namoro, em particular, o ciúme, emergiram enquanto fatores que também impactam positivamente uma relação de namoro. O ciúme foi, assim, associado a um fator promotor de aproximação entre os elementos do casal, que demonstra o afeto e preocupação entre ambos. Apesar de anteriormente o ciúme aparecer descrito como promotor do reacendimento da paixão numa relação, sinalizando o compromisso existente, a literatura mais recente encara o ciúme excessivo como um dos fatores que mais frequentemente desencadeia comportamentos abusivos entre jovens namorados (Cavaler et al., 2021; Silva & Silva, 2021). Por exemplo, Offenhauer (2011) considera o ciúme, em si mesmo, um comportamento abusivo característico da violência no namoro. Surge, assim, o risco de normalização da violência do namoro, sendo que Albuquerque (2018) menciona que muitos jovens, atualmente, não reconhecem violência em comportamentos abusivos. Neste domínio, o estudo de Portugal et al. (2023) revela que 80% dos jovens inquiridos já sofreu ou perpetrou comportamentos abusivos em relações de namoro e que os mais comuns são os comportamentos de gravidade considerada leve, nem sempre considerados abusivos pelos jovens.

5.1.3. Antecedentes

5.1.3.1. Fatores de Risco

Ausloos (1996) defende que o sintoma diz respeito ao sistema, isto é, ao casal como um todo e à interação entre os dois elementos, não derivando, em exclusivo, das características individuais particulares de apenas um deles, mas sim do modo como estas características impactam a interação. Também nesta investigação, os jovens adultos atribuíram particular ênfase aos fatores relacionais enquanto promotores ou preventores da infidelidade em relações de namoro, referindo fatores individuais e contextuais em menor número. Este dado corrobora um dos resultados do estudo de Bastos (2018), que indica que os participantes atribuem uma elevada carga aos fatores relacionais enquanto promotores da infidelidade.

De entre os 27 fatores de risco que surgiram associados à ocorrência de infidelidade em relações de namoro entre jovens adultos (tendo sido alguns já mencionados anteriormente), o mais referido pelos participantes foi a monotonia, descrita através de um excesso de consistência e de rotina na relação. Tal parece contraditório com o facto de a estabilidade em relações de namoro ter sido identificada também como um fator de proteção para a ocorrência de infidelidade. Tendo em conta que a adultez emergente é caracterizada por uma busca pela exploração individual em diversos domínios, a novidade poderá ser um fator particularmente estimulante para os jovens neste período (Arnett, 2000), sendo que a novidade na relação também surgiu enquanto um fator de proteção para a ocorrência de infidelidade na mesma. Se, por um lado, os jovens procuram segurança emocional, estabelecendo relações de namoro estáveis que perspetivam vir a prolongar-se no tempo (Bertoldo & Barbará, 2006), por outro lado, necessitam de experimentar novas sensações.

Outras teorias refletem acerca do modo como o imediatismo e a menor tolerância à frustração caracterizam os jovens adultos da atualidade, defendendo que estes tendem a tomar decisões pouco ponderadas (Zordan & Strey, 2011) e com foco apenas no prazer a curto prazo (Smeha & Oliveira, 2013), podendo tornar-se impulsivos (Bauman, 2004). Também alguns dos participantes do presente

estudo caracterizaram os jovens da sua idade como sendo impulsivos e priorizando o prazer imediato em detrimento do prazer a longo prazo. A impulsividade foi, assim, considerada um dos fatores de risco para a ocorrência de infidelidade em relações de namoro, não impactando apenas o momento em que a infidelidade é cometida, mas também a pouca ponderação ao iniciar novos relacionamentos. De acordo com Smeha e Oliveira (2013), e, de alguma forma, confirmado pelo presente estudo, a impulsividade faz com que os jovens se envolvam em relacionamentos sérios sem o devido compromisso ou reflexão e sem conhecerem o(a) parceiro(a) o suficiente, movidos por sentimentos de paixão e de novidade. Hipotetiza-se, assim, que a interação entre a intolerância à frustração, a impulsividade ao iniciar relações de namoro e a incessante busca pela novidade, possa fazer com que os jovens rapidamente se aborreçam das relações que estabelecem e não procurem estratégias internas para as resolver, envolvendo-se em ocorrências de infidelidade assim que a paixão atenua.

A monotonia foi, em muitos casos, mencionada pelos jovens como sendo o primeiro potencial fator de risco para a infidelidade, porque, direta ou indiretamente, já experienciaram ou assistiram a relações nas quais a ocorrência de infidelidade se deu devido a esse motivo. Neste sentido, o ritmo frenético a que os jovens vivem atualmente, com as variadas pressões que sofrem por parte da sociedade [e.g., formação académica, independência financeira, construção de uma carreira, entre outras (Smeha & Oliveira, 2013)], podem levar a que a disponibilidade destes para o investimento em relações amorosas seja reduzido, priorizando os aspetos mais individualistas (Smeha & Oliveira, 2013) e deixando as relações cair na rotina.

Também o amor enquanto único elo de ligação entre o casal foi considerado um fator de risco para a ocorrência de infidelidade em relações de namoro, tendo surgido enquanto insuficiente para a manutenção de uma relação a longo prazo. Tal vai ao encontro do mencionado por Ferry (2007), que defende que o facto de as uniões atualmente se basearem maioritariamente no sentimento de amor, as fragiliza, pois basta que o amor se apague para que a relação termine, deixando de ter razão de ser. Contudo, também a falta de amor surgiu na presente investigação enquanto um fator de risco para a ocorrência de infidelidade, tendo sido mencionado que num mundo cheio de oportunidades e tentações como aquele em que vivemos, se torna bastante mais difícil ser fiel ao(à) parceiro(a) se o sentimento por este(a) não for forte, uma vez que as consequências do ato não se tornam tão impactantes.

A insatisfação sentida na relação amorosa surgiu igualmente relacionada com a ocorrência de infidelidade em relações de namoro, sendo que os participantes consideraram que indivíduos que se sentem menos felizes na relação são mais suscetíveis de cometer infidelidade, o que corrobora ideias encontradas na literatura (Abbasi, 2019; Fincham & May, 2017; Previti & Amato, 2004; Silva et al., 2017). Neste domínio, Jolin et al. (2023) referem que o nível de satisfação sentido na relação, bem como o tipo de comunicação estabelecida entre os elementos do casal são dois dos mais relevantes indicadores do grau de funcionamento de uma relação, sendo que, não só a insatisfação na mesma, como a comunicação negativa, promovem a deterioração da relação. Na presente investigação, ambos os indicadores surgiram relacionados, uma vez que a insatisfação na relação foi traduzida pelos jovens através do frequente envolvimento dos elementos do casal em discussões, o que reporta para o elevado nível de conflito diádico enquanto um fator de risco para a ocorrência de infidelidade (Martins et al., 2016).

5.1.3.2. Fatores de Proteção

De entre os 23 fatores de proteção que surgiram associados à ocorrência de infidelidade em relações de namoro, a comunicação foi considerada o fator de proteção mais relevante, tendo sido o único mencionado por todos os participantes, seguido da confiança e da honestidade. Também Costa et

al. (2019) encontraram que a comunicação está associada a um menor risco de ocorrer infidelidade em relações amorosas.

Segundo o Modelo da Pragmática da Comunicação Humana, tudo é comunicação, tanto a verbal como a não verbal (Watzlawick, 1967), contudo, a maioria dos jovens referiu-se à comunicação verbal enquanto fator de proteção, incidindo sobretudo na importância do diálogo. Deste modo, a comunicação surgiu associada à prática de escuta ativa entre os elementos do casal, bem como à priorização da honestidade neste processo, tendo sido mencionado que, se ambos os elementos do casal conversarem frequentemente sobre o que sentem, de forma sincera, irão compreender se estão ou não em sintonia e se os seus objetivos e expectativas são os mesmos, o que foi associado ao aumento da sensação de segurança na relação.

5.1.4. Consequências

Muitas são as consequências que advém da ocorrência de infidelidade, sendo que, apesar de ter havido participantes a considerarem como certo o término da relação e de a literatura indicar que a generalidade dos relacionamentos termina quando ocorre uma infidelidade por parte de algum dos seus elementos (Selterman et al., 2021; Shackerlford et al., 2000), metade dos jovens ($n = 4$) mencionou a possibilidade de a relação não terminar. Parte deles referiu ainda que a ocorrência de infidelidade pode promover o fortalecimento da relação de namoro, ao representar um momento de redefinição de limites, de introspeção e de constatação de que tem de haver mais comunicação entre os elementos do casal. Ausloos (1996) menciona precisamente que o sintoma, que neste caso é a infidelidade, pode constituir uma oportunidade de transformação para o sistema, que neste caso é o casal. Também Gameiro (2014) e Perel (2019) refletem acerca da infidelidade como um momento de crise que poderá, após o momento inicial de raiva, despoletar uma aproximação e mais elevados níveis de intimidade entre o casal.

Neste sentido, os participantes foram consideravelmente mais intuitivos a identificar consequências individuais de uma ocorrência de infidelidade para a pessoa que é traída, em comparação com o elemento que é infiel, tendo alguns deles mencionado que nunca haviam sequer refletido acerca dos ganhos e perdas que poderão advir dessa ocorrência para a pessoa infiel. Sendo que a maioria da literatura referente à temática da infidelidade reflete apenas acerca das consequências associadas à vivência da mesma por parte de quem é traído (Henline et al., 2007; Roos et al., 2019), torna-se compreensível a acrescida dificuldade que os participantes sentiram em refletir acerca da experiência da pessoa infiel. Apesar disto, os participantes acabaram por destacar diversas consequências semelhantes para os dois elementos, sendo exemplo destes a perda de autoestima e o sofrimento experienciado.

As cognições negativas acerca de si próprio(a) e do mundo, que se encontram exploradas na literatura enquanto referentes à pessoa que é traída (Roos et al., 2019), surgiram na presente investigação associadas a ambos os elementos do casal. No que toca à pessoa que é traída, as cognições parecem estar relacionadas com a sua insuficiência, falta de valor, comparação com o terceiro elemento e com a dificuldade em confiar em outras pessoas [sendo este último aspeto também referido por Roos et al. (2019)]. Já no que concerne à pessoa infiel, parecem estar relacionadas com um significativo arrependimento, por não se rever no que fez, bem como com pensamentos de que só prejudica a vida das pessoas à sua volta e de que nunca mais encontrará alguém com tanto valor como a pessoa que traiu.

5.1.5. Fatores que Ditam a Gravidade da Ocorrência

Neste aspeto, a dimensão do impacto que uma ocorrência de infidelidade tem em relações de namoro surgiu associada à duração da relação em que ocorre, sendo que foi maioritariamente percecionado como superior em relações de longa duração, quando em comparação com as de curta duração. Assim, as relações de longa duração surgiram associadas a um maior número de experiências e memórias partilhadas, à provável introdução do(a) parceiro(a) à família e aos amigos e a uma visão e expectativas mais consolidadas acerca do(a) parceiro(a), fazendo com que a desilusão seja superior. Contudo, uma jovem mencionou uma ideia contrária, considerando que a ocorrência de infidelidade é mais grave na fase inicial de um relacionamento, por ser nesta que se dá o estabelecimento de confiança entre os elementos do casal, que ficaria comprometido. Esta última consideração vai ao encontro do defendido por Viegas e Moreira (2013), que relatam que a intimidade e os níveis de compromisso estão ainda em construção nos primeiros tempos de uma relação, sendo uma fase de amor apaixonado em que existem ainda muitas dúvidas e receios, o que torna o impacto da ocorrência de infidelidade neste período mais negativo.

A gravidade da ocorrência surgiu igualmente associada ao tipo de infidelidade cometida, sendo que, apesar de os jovens se terem focado mais em aspetos que vão além do domínio físico e/ou sexual quando definiram a infidelidade, a maioria daqueles que estabeleceu uma diferenciação entre o nível de gravidade atribuído aos seus diversos tipos, considerou a infidelidade física a mais grave, por ser aquela que constitui algo concretizado. Contudo, não houve qualquer diferença de género detetada nestas atribuições, uma vez que tanto homens como mulheres consideraram a infidelidade física como sendo mais grave, tal como houve homens e mulheres a considerar a infidelidade psicológica e emocional como sendo mais grave. Isto não corrobora a ideia de que as mulheres atribuem maior gravidade à infidelidade emocional e os homens à infidelidade física (Pinto, 2015; Shackelford et al., 2000; Viegas & Moreira, 2013).

Também a duração da ocorrência parece ser um fator relevante para a gravidade atribuída pelos jovens à infidelidade, sendo que revelaram que ocorrências mais prolongadas no tempo causariam mais mágoa ao(à) parceiro(a), o que corrobora o encontrado por Bastos (2018) e por Viegas e Moreira (2013).

Ainda no que toca aos fatores que impactam a gravidade atribuída à ocorrência, emergiu uma ideia singular que reflete acerca do modo como se torna mais grave uma infidelidade cometida por alguém do género feminino. A justificação surgiu associada ao facto de estas mais frequentemente se envolverem em infidelidade emocional [o que corrobora a ideia partilhada pela literatura (Henline et al., 2007)], tornando mais provável o término do relacionamento após a ocorrência, uma vez que significa que o sentimento de amor da pessoa pelo(a) parceiro(a) desapareceu. Este jovem era do género masculino, o que reflete a mencionada quebra do estereótipo de que os homens valorizam mais a infidelidade física por parte de um(a) parceiro(a) e lidam pior com esta (Pinto, 2015; Shackelford et al., 2000), uma vez que este considerou a infidelidade emocional como sendo mais danosa.

5.1.6. Diferenças de Género

Dando continuidade ao tópico das diferenças de género, os homens surgiram associados a uma maior propensão para cometer infidelidade, o que corrobora a literatura existente (Allen & Baucom, 2004; Garg & Ruhela, 2015; Wiederman, 1997), bem como à maior propensão para cometer infidelidade física e/ou sexual, o que também vai ao encontro da literatura (Henline et al., 2007; Pinto, 2015). Esta última pode estar associada aos ideais de virilidade do homem característicos de uma sociedade machista (Gradim et al., 2007). A consideração de que os homens traem mais, partilhada por

participantes de ambos os géneros, foi justificada por estes tendo por base as necessidades biológicas e o facto de serem mais influenciáveis e irresponsáveis. De certo modo, a ideia de que os homens têm necessidades biológicas do domínio sexual e/ou físico distintas das mulheres reflete uma visão tradicionalista [ver estudo de Knodel et al. (1997)] que aprisiona a mulher ao romantismo e a afasta da sexualidade, sendo que este movimento é, há mais de 20 anos, questionado na literatura (Gozzo et al., 2000). Assim, literatura recente indica que o desejo sexual do homem parece sofrer tantas flutuações como o da mulher, encontrando-se ambos dependentes de variáveis contextuais (Harris et al., 2023), o que liberta os indivíduos dos papéis de género conservadores.

Neste sentido, uma participante do género feminino foi a única que refletiu acerca da aspiração que tem em abrir a sua relação de namoro ao envolvimento com outros parceiros apenas no domínio sexual, por considerar que a variedade de experiências deste carácter são enriquecedoras para o indivíduo, o que também contraria a visão das mulheres enquanto possuindo menos necessidades sexuais e/ou físicas.

5.2. Variáveis Contextuais que Impactam as Crenças e Atitudes face à Infidelidade

A família de origem foi a variável contextual mais mencionada pelos participantes enquanto influenciadora das crenças e atitudes que estes possuem face à infidelidade, o que vai ao encontro do defendido por Willoughby et al. (2012). O autor defende que a relação estabelecida entre os pais dos jovens constitui para estes um modelo de referência que lhes permite criar expectativas para as suas relações futuras. Neste domínio, a ocorrência de infidelidade no seio familiar surgiu com um duplo significado: tanto enquanto promotora de crenças e atitudes nos jovens que facilitam a ocorrência de comportamentos infieis, como enquanto inibidora desses mesmos comportamentos.

A construção de crenças e atitudes que conduzem os jovens à infidelidade em relações de namoro pode dar-se, segundo estes, através de uma replicação de padrões transmitidos de forma transgeracional no núcleo familiar, sendo que Platt et al. (2008) refere que é frequente a ocorrência de infidelidade na família levar à normalização e banalização da mesma. Já a construção de crenças e atitudes nos jovens que inibem a ocorrência de infidelidade surgiu relacionada com o contacto com o sofrimento causado pela infidelidade na família e consequente desenvolvimento de repulsa face à mesma. Neste domínio, jovens que contactaram com essa experiência também pareceram ser caracterizados como mais propensos a reear a infidelidade de um(a) parceiro(a) numa relação de namoro, o que vai ao encontro dos resultados encontrados no estudo de Clawson & Weber (2003). Neste estudo, 70% dos participantes relatou que a infidelidade cometida por parte de um dos pais promoveu a sua inibição de confiar nos(as) seus(suas) parceiros(as) românticos(as). Desta forma, a família não surge apenas enquanto modelo de referência relativo ao que os jovens desejam que venha a ser semelhante nas suas relações, mas também no que toca àquilo que estes desejam que seja diferente.

Para além disso, também o mal trato recebido no seio familiar surgiu associado à falta de autoestima e à consequente autossabotagem em relações amorosas, o que pode traduzir-se no envolvimento em comportamentos desviantes, tais como a infidelidade. Neste domínio, a literatura indica que os estilos parentais vivenciados estão relacionados com o desenvolvimento psicossocial dos jovens, nomeadamente no que toca às representações que estes têm de si mesmos (Clawson & Weber, 2003), sendo que a autoestima destes se relaciona com a experenciação de interações positivas ao longo da sua vida, em contexto familiar e outros. Assim, a busca por um aumento de autoestima é frequentemente o mote para o envolvimento em casos de infidelidade (Sheppard et al., 1995).

Tal como mencionado por Santos e Murta (2016), não só aquilo com que contactam no ambiente familiar, mas também aquilo que observam em contexto de pares tem impacto nas suas representações. Assim, apesar de um participante ter mencionado que a influência dos amigos é superior no período da adolescência quando em comparação com a fase da adultez emergente, todos os jovens mencionaram a forma como o círculo de amigos os influencia no momento atual, corroborando a ideia de Harakeh & Vollebergh (2012) em como a influência de pares se estende até à adultez emergente. A Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1986) sugere que os indivíduos tendem a modelar-se mediante o comportamento que observam em grupos de pares, imitando-o, o que vai ao encontro dos dados da presente investigação, uma vez que o estar rodeado de amigos que praticam infidelidade foi associado a uma maior propensão para a cometer e o inverso também se verificou. A pressão pelos pares, que comumente tem como foco as atitudes tidas em relações amorosas e a atividade sexual dos jovens (Brown, 1982), bem como a necessidade de pertencer a um grupo, foram, assim, mencionadas enquanto fatores de risco para a ocorrência de infidelidade em relações de namoro.

A cultura surgiu enquanto outra das variáveis contextuais influenciadoras das crenças e atitudes face à infidelidade, confirmando os pressupostos de Knodel et al. (1997). Neste domínio, uma participante mencionou que a falta de psicoeducação existente na comunicação social no que toca à infidelidade promove crenças e atitudes positivas face à mesma. Essa mesma participante estabeleceu uma comparação entre esta temática e a violência no namoro, associando a última a ser alvo de um maior número de reportagens e programas televisivos, o que leva a que os jovens pensem mais acerca dela. Tendo em conta que os elementos de comunicação social têm um efeito poderosíssimo no que toca à influência que causam no público-alvo e, apesar de as relações amorosas serem, efetivamente, um dos seus maiores focos de atenção (Pinto et al., 2011), talvez os jovens adultos sintam falta de orientação e informação no que toca à infidelidade em relações de namoro, sendo que poderia ser uma mais valia estes estarem em contacto, por exemplo, com os sentimentos e patologias associados à vivência dessa ocorrência.

5.3. Limitações

Apesar do contributo relevante que presta para a compreensão da infidelidade na adultez emergente, a presente investigação apresenta algumas limitações que devem ser consideradas aquando da análise dos seus resultados.

Primeiramente, o facto de esta ser uma temática sensível, moralmente julgada pela sociedade, pode ter levado a que os jovens entrevistados se tenham retraído na partilha daquilo que verdadeiramente pensam acerca da infidelidade por uma questão de desejabilidade social e até, possivelmente, como mecanismo de preservação da imagem que têm de si próprios, o que não garante a total veracidade dos resultados. Este tema poderá também ser particularmente sensível para pessoas que tenham vivenciado a infidelidade, o que pode, novamente, ter inibido os participantes nas suas respostas.

Em segundo lugar, no que toca aos procedimentos de recolha de dados, o facto de as entrevistas terem sido realizadas *online* pode ter impedido a captação de alguns detalhes de comunicação verbal não tão perceptível, bem como de comunicação não verbal.

Em terceiro lugar e, no que respeita à amostra, não foram recolhidos dados relativos à orientação sexual, ao estatuto socioeconómico e/ou ao grau de instrução dos participantes. Estes dados poderiam ser relevantes, não só para a caracterização da amostra, como também poderiam enriquecer a análise temática realizada e até fazer emergir novas hipóteses e conclusões.

Por fim, ainda no que respeita à amostra, a sua reduzida dimensão pode constituir, também ela, uma limitação, uma vez que a saturação teórica de alguns dados poderá não ter sido atingida (o que justifica a diversidade de temas que surgiram), nomeadamente no que toca às variáveis contextuais que impactam a construção de crenças e atitudes dos jovens adultos face à infidelidade em relações de namoro.

5.4. Implicações para Investigação e Projetos Futuros

No que toca às implicações para investigação futura, seria relevante expandir a investigação do fenómeno da infidelidade, colmatando algumas das limitações apontadas pelo presente estudo.

Uma vez que na presente investigação não existiu qualquer critério de inclusão que incidisse na obrigatoriedade de experienciar previamente a infidelidade por parte dos participantes, alguns dos jovens basearam as suas crenças em experiências que não a sua. Assim, poderia ser relevante, num futuro estudo qualitativo acerca da temática, apenas entrevistar jovens adultos que vivenciaram a infidelidade anteriormente em relações de namoro, pois a análise do fenómeno através do relato de pessoas que o vivenciaram pode trazer informação nova. Neste sentido, poderia ser igualmente pertinente a realização de entrevistas em modalidade presencial, criando um espaço seguro para a partilha de experiências e um contexto no qual também o comportamento não verbal pudesse ser alvo da atenção do investigador.

Tendo em conta que a família foi uma variável significativamente mencionada pelos jovens enquanto influenciadora das crenças e atitudes que possuem face à infidelidade e relembrando que a saturação dos dados relativos a esta temática poderá não ter sido atingida, seria interessante realizar um estudo qualitativo em que se comparasse as perspetivas que os jovens adultos têm acerca da temática da infidelidade com as perspetivas que os seus familiares possuem acerca da mesma, explorando o fenómeno da transgeracionalidade destas representações.

Para além disso, esta investigação fez emergir a interação entre temáticas que, apesar de se encontrarem individualmente exploradas na literatura, não se encontram integradas, nomeadamente a infidelidade e a violência no namoro. Neste sentido, poderia ser pertinente realizar um estudo que explorasse o modo como a infidelidade e a violência conjugal interagem nas relações de namoro entre jovens adultos.

Poderia ser, ainda, relevante explorar a temática da infidelidade junto de indivíduos de diferentes orientações sexuais, uma vez que, apesar de não ter sido recolhida informação acerca da orientação sexual dos nossos participantes, todos estes, nos seus discursos, refletiram acerca da modalidade convencional de relacionamento, isto é, a heterossexual.

Por fim, a menção feita por uma participante à falta de psicoeducação existente relativamente à infidelidade em relações de namoro pode sugerir a pertinência de criar de um projeto explorador da temática junto da população mais jovem. Assim, a implementação de um projeto em escolas secundárias com vista a informar jovens adolescentes acerca da infidelidade, poderia promover jovens menos perpetradores da mesma, o que, por sua vez, poderia contribuir para a redução da tendência crescente de aumento da taxa de infidelidade e uma futura redução da taxa de divórcio, que comumente tem na sua origem este fenómeno.

VI – Conclusões

O propósito desta investigação centrou-se na identificação de crenças e atitudes dos jovens adultos face à infidelidade em relações de namoro, bem como na compreensão da origem das mesmas, analisando variáveis contextuais que impactam a construção destas.

No âmbito do primeiro objetivo mencionado, a elaboração de uma definição para a infidelidade em relações de namoro na adulez emergente é um dos maiores contributos que este estudo apresenta para a literatura. Deste modo, a infidelidade em relações de namoro na adulez emergente parece ser vista como algo injustificável e intencional, que vai além do domínio meramente físico e que provoca a traição da confiança do(a) parceiro(a), através do secretismo envolvido, tornando-se uma falta de respeito para com este(a) e causando-lhe mágoa. No entanto, são os limites e princípios definidos dentro da relação, consentidos por ambos os elementos do casal, que definem aquilo que constitui e aquilo que não constitui uma infidelidade em relações de namoro nesta fase.

Outro dos contributos do presente estudo vai ao encontro da identificação dos comportamentos que os jovens adultos consideram ser infiéis em relações de namoro nesta fase. Neste domínio, a infidelidade *online* surgiu em peso, revelando o modo como a crescente utilização da tecnologia e das redes sociais criou um novo palco para a ocorrência de casos extradiádicos entre jovens adultos, com o qual estes se encontram particularmente familiarizados. Os jovens enumeraram diversos aspetos inerentes às redes sociais que as tornam um intermediário mais atraente para a infidelidade, sendo estes o acesso a uma diversidade de pessoas e à rápida comunicação com estas e o contacto exclusivo com a melhor faceta das pessoas, uma vez que é geralmente esta que os seus utilizadores escolhem partilhar. Para além disso, também o modo como a internet banaliza a infidelidade, parodiando-a em vídeos partilhados, leva a que os consumidores desse conteúdo, por vezes jovens adultos, sejam influenciados a normalizá-la também.

Ainda foram identificados fatores de risco e fatores de proteção para a ocorrência de infidelidade em relações de namoro na adulez emergente. No que toca aos fatores de risco, a monotonia na relação, a impulsividade de algum dos elementos do casal, ou de ambos, e o ambiente no qual estes se inserem foram considerados os aspetos que mais promovem a infidelidade neste contexto, sendo que as discotecas foram o ambiente mais mencionado. Já no que concerne aos fatores de proteção, a comunicação foi o fator mencionado um maior número de vezes e por todos os participantes, o que reflete a importância atribuída ao diálogo nas relações amorosas, mas também a confiança e a honestidade obtiveram uma expressão significativa.

As diferenças de género na vivência da infidelidade são um dos aspetos relacionados com a temática mais abordados na literatura, contudo, geralmente estudado numa faixa etária superior à da presente investigação. Assim, os resultados deste estudo corroboram os encontrados até ao momento atual, demonstrando que também os jovens adultos consideram que o género masculino tem maior propensão para cometer infidelidade e, em particular, infidelidade do domínio físico e/ou sexual. As justificações enumeradas para este fenómeno vão ao encontro de os homens terem necessidades biológicas distintas das mulheres e do facto de estes serem mais irresponsáveis e influenciáveis.

Esta investigação procurou ainda estabelecer uma comparação entre o modo como os jovens adultos vivenciam a infidelidade atualmente e o modo como estes percecionam que, pessoas da mesma idade, vivenciavam o fenómeno da infidelidade há 40 anos atrás. Deste modo, a maioria dos jovens considerou que a prevalência da infidelidade é semelhante, contudo que há características na sociedade atual que fazem com que pareça que a infidelidade esteja a aumentar. Essas características vão ao

encontro de haver um maior acesso à informação por parte das pessoas, o que faz com que se tome conhecimento desse tipo de ocorrência mais facilmente, bem como do facto de haver um menor número de consequências para quem comete a infidelidade, o que promove uma aparente banalização da sua prática.

No que respeita ao segundo objetivo alcançado, relativo às variáveis contextuais que impactam a construção das crenças e atitudes dos jovens adultos face à infidelidade em relações de namoro, a família foi uma variável de destaque, tendo sido a mais mencionada pelos jovens. Assim, as vivências tidas em contexto familiar, nomeadamente no que toca às relações amorosas e à ocorrência ou não de infidelidade nestas, foram consideradas potenciais influenciadoras das crenças e atitudes face à infidelidade que os jovens constroem ao longo da vida. Tal comprova o impacto que as figuras de referência e as interações que estabelecem entre si têm no desenvolvimento afetivo individual de cada pessoa. Também o círculo de amigos foi identificado enquanto uma variável influenciadora, demonstrando a forma como a adulez emergente constitui uma fase intermediária e transitória entre a adolescência e a vida adulta, uma vez que a influência dos pares surge, maioritariamente, associada à adolescência. Por fim, a cultura em que os jovens se inserem e a sua própria experiência prévia constituem outros dois elementos que impactam as suas crenças e atitudes face à infidelidade em relações de namoro.

Este estudo apresenta, assim, significativa pertinência no que toca ao conhecimento que produziu, uma vez que estudou o fenómeno da infidelidade de uma forma que se encontra particularmente inexplorada na literatura, nomeadamente no domínio da faixa-etária em que incide, a adulez emergente, e no tipo de relação que estuda, o namoro. Também o modo como investigou o fenómeno é pouco utilizado e traz riqueza à investigação, uma vez que procurou compreender a infidelidade em relações de namoro entre jovens adultos através do relato dos próprios, o que reduz o espaço para a elaboração de interpretações erróneas e não coincidentes com a realidade vivenciada por estes.

Desta forma e, uma vez que não só a taxa de infidelidade em relações de namoro se revela elevada, como este é o principal motivo que, numa fase mais avançada, leva os casais à terapia, constituindo também o mais frequente mote para a dissolução de relacionamentos amorosos, torna-se essencial compreender as suas nuances e contornos particulares. Esta compreensão tem em vista uma atualização da conceptualização do fenómeno, promovendo a sua prevenção, algo que se revela fundamental dado o impacto negativo que provoca em quem o experiencia.

Bibliografia

- Abbasi, I. S. (2019). Social media addiction in romantic relationships: Does user's age influence vulnerability to social media infidelity?. *Personality and Individual Differences*, 139, 277-280. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.10.038>
- Albuquerque, A. (2018). *Namoros marcados por violência: uma análise social* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Allen, E. S., & Baucom, D. H. (2004). Adult attachment and patterns of extradyadic involvement. *Family Process*, 43(4), 467-488. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2004.00035.x>
- Allen, E. S., & Baucom, D. H. (2006). Dating, marital, and hypothetical extradyadic involvements: How do they compare?. *Journal of Sex Research*, 43(4), 307-317. [Doi:10.1080/00224490609552330](https://doi.org/10.1080/00224490609552330)
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480. [Doi:10.1037/0003-066X.55.5.469](https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469)
- Arnett, J. J. (2005). The Developmental Context of Substance use in Emerging Adulthood. *Journal of Drug Issues*, 35(2), 235-254. [Doi:10.1177/002204260503500202](https://doi.org/10.1177/002204260503500202)
- Atkins, D. C., Baucom, D. H., & Jacobson, N. S. (2001). Understanding infidelity: Correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology*, 15(4), 735-749. [Doi:10.1037/0893-3200.15.4.735](https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.4.735)
- Ausloos, G. (1996) *As Competências das Famílias. Tempo, caos, processo*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Bandura, A. (1986) *Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, NJ.
- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(3), 339-360. [Doi:10.1177/0265407505052440](https://doi.org/10.1177/0265407505052440)
- Bastos, A. V. (2018). *2+ 1= 2: um estudo exploratório sobre relações continuadas após infidelidade* [Dissertação de doutoramento]. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/37631>
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Bertoldo, R. B., & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF*, 11, 229-237. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712006000200011>
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of marital and family therapy*, 31(2), 217-233. [Doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x](https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x)

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. [Doi/abs/10.1191/1478088706QP063OA](https://doi.org/10.1191/1478088706QP063OA)
- Brown, B. B. (1982). The extent and effects of peer pressure among high school students: A retrospective analysis. *Journal of youth and adolescence*, 11(2), 121-133. [Doi/10.1007/bf01834708](https://doi.org/10.1007/bf01834708)
- Cano, A., & O'Leary, K. D. (2000). Infidelity and separations precipitate major depressive episodes and symptoms of nonspecific depression and anxiety. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(5), 774-781. [Doi: 10.1037//0022-006X.68.5.774](https://doi.org/10.1037//0022-006X.68.5.774)
- Carneiro, V. T., & Sampaio, S. M. R. (2015). Adulter Emergente: Um fenômeno normativo?. *Revista Saúde & Ciência Online*, 4(1), 32-40. [Doi: https://doi.org/10.35572/rsc.v4i1.218](https://doi.org/10.35572/rsc.v4i1.218)
- Carpenter, C. J. (2012). Meta-analyses of sex differences in responses to sexual versus emotional infidelity: Men and women are more similar than different. *Psychology of Women Quarterly*, 36(1), 25-37. [Doi:10.1177/03616843111414537](https://doi.org/10.1177/03616843111414537)
- Cavaler, C. M., Salvaro, G. I. J., & Cortina, M. O. C. (2021). Problematizações acerca das violências no namoro: relato de experiência. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 12(2), 206- 219. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2021v12n2p206>
- Cipriano, M. S. (2002). *A Adúltera no Território da Infidelidade* [Dissertação de mestrado] Universidade Estadual de Campinas.
- Clawson, C. L., & Weber, R. M. (2003). The amount and timing of parent-adolescent sexual communication as predictors of late adolescent sexual risk-taking behaviors. *Journal of Sex Research*, 40(3), 256-265. <https://doi.org/10.1080/00224490309552190>
- Comin, S. F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. D. (2016). Satisfação no namoro e bem-estar subjetivo: Associações com a conjugalidade dos pais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32325>
- Costa, C. B. D., Haack, K. R., Oliveira, E. L. D., & Falcke, D. (2019). Infidelidade na perspectiva de homens e mulheres. *Pensando famílias*, 23(1), 3-18. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100002
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2017). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Sage publications.
- Drigotas, S. M., Safstrom, A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 509-524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.3.509>
- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (1999). Sexual betrayal among late adolescents: Perspectives of the perpetrator and the aggrieved. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(2), 235-258. <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1021605532205>

- Ferry, L. (2007). *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Fincham, F. D., & May, R. W. (2017). Infidelity in romantic relationships. *Current Opinion in Psychology*, 13, 70–74. [Doi:10.1016/j.copsyc.2016.03.008](https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.03.008) [10.1016/j.copsyc.2016.03.008](https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.03.008) [3.008](https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.03.008)
- Fonseca, S. R. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: Significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30, 135-143. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200002>
- Gameiro, J. (2014) *Até que o amor nos separe*. Matéria-Prima Edições.
- Garg, A., & Ruhela, S. (2015). Investigation of Attitude of College Youth towards Infidelity. *International Journal of Education and Psychological Research*, 4(1), 72-75. <https://ijepr.org/panel/assets/papers/163ij17.pdf>
- Giddens, A (1994). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- Glass, S., & Wright, T. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12, 1101–1120. [Doi:10.1007/bf00288108](https://doi.org/10.1007/bf00288108)
- Gozzo, T. D. O., Fustinoni, S. M., Barbieri, M., Roher, W. D. M., & Freitas, I. A. D. (2000). Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. *Revista latino-americana de enfermagem*, 8, 84-90. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692000000300012>
- Gradim, C. V. C., Sousa, A. M. M., & Lobo, J. M. (2007). A prática sexual e o envelhecimento. *Cogitare enfermagem*, 12(2), 204-213.
- Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2009). Psychological distress: Precursor or consequence of dating infidelity?. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35(2), 143-159. <https://doi.org/10.1177/0146167208327189>
- Harakeh, Z., & Vollebergh, W. A. (2012). The impact of active and passive peer influence on young adult smoking: An experimental study. *Drug and alcohol dependence*, 121(3), 220-223. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2011.08.029>
- Harris, E. A., Hornsey, M. J., Hofmann, W., Jern, P., Murphy, S. C., Hedenborg, F., & Barlow, F. K. (2023). Does Sexual Desire Fluctuate More Among Women than Men?. *Archives of Sexual Behavior*, 1-18. <https://doi.org/10.1007/s10508-022-02525-y>
- Harris, J. R. (1995). Where is the child's environment? A group socialization theory of development. *Psychological Review*, 102(3), 458–489. [Doi:10.1037/0033-295X.102.3.458](https://doi.org/10.1037/0033-295X.102.3.458)
- Henline H. B., Leanne K. L., & Michael D. H (2007). Exploring perceptions of online infidelity. *Personal relationships*, 14(1), 113–128. [Doi:10.1111/j.1475-6811.2006.00144.x](https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2006.00144.x)
- Jolin, S., Lafontaine, M. F., Lussier, Y., & Brassard, A. (2023). How Relationship Satisfaction and Negative Communication Trajectories Change in Emerging Adults' Dating Relationships: A

- Group-Based Dual Trajectory Analysis. *Emerging Adulthood*, 11(2), 482-496. <https://doi.org/10.1177/21676968221128080>
- Justo, J. S. (2005). O ficar na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia*, 17(1), 61-77. <https://doi.org/10.1590/S0104-80232005000100005>
- Knodel, J., Low, B., Saengtienchai, C., & Lucas, R. (1997). An evolutionary perspective on Thai sexual attitudes and behavior. *Journal of Sex Research*, 34(3), 292-303. [Doi:10.1080/00224499709551895](https://doi.org/10.1080/00224499709551895)
- Lanz, M., & Tagliabue, S. (2007). Do I really need someone in order to become an adult? Romantic relationships during emerging adulthood in Italy. *Journal of adolescent research*, 22(5), 531-549. <https://doi.org/10.1177/0743558407306713>
- Lieberman, B. (1988). Extrapremarital intercourse: Attitudes toward a neglected sexual behavior. *Journal of sex research*, 24(1), 291-298. [Doi:10.1080/00224498809551427](https://doi.org/10.1080/00224498809551427)
- Luo, S., Cartun, M., & Snider, A. (2010). Assessing extradyadic behavior: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences*, 49, 155-163. [Doi:10.1016/j.paid.2010.03.033](https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.03.033)
- Magalhães, T. A. L. (1980). O papel da mulher na sociedade. *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, 75, 123-134. <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66895>
- Marshall, T. C. (2012). Facebook surveillance of former romantic partners: Associations with postbreakup recovery and personal growth. *Cyberpsychology, behavior, and social networking*, 15(10), 521-526. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0125>
- Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F., Narciso, I. & Canavarro, M. (2016). Infidelity in Dating Relationships: Gender-Specific Correlates of Face-to-Face and Online Extradynamic Involvement. *Archives of Sexual Behavior*, 45(1), 193-205. <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-015-0576-3>
- McAnulty, R. D., & Brineman, J. M. (2007) Infidelity in Dating Relationships. *Annual Review of Sex Research*, 18(1), 94-114, [doi: 10.1080/10532528.2007.10559848](https://doi.org/10.1080/10532528.2007.10559848)
- McDaniel, B. T., & Coyne, S. M. (2016). Technofence: The interference of technology in couple relationships and implications for women's personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(1), 85. <https://doi.org/10.1037/ppm0000065>
- Mendonça, L. M. (2009). *Infidelidade conjugal: sob a ótica sistêmico-psicodramática*. Salvador: Bureau.
- Merkle, E. R.; Richardson, R. A. (2000). Digital Dating and Virtual Relating: Conceptualizing Computer Mediated Romantic Relationships. *Family relations*, 49(2), 187-192. [Doi:10.1111/j.1741-3729.2000.00187.x](https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2000.00187.x)

- Nogales, A. (2009). *Parents who cheat: How children and adults are affected when their parents are unfaithful*. Health Communications, Inc..
- Norona, J. C., Olmstead, S. B., & Welsh, D. P. (2018). Betrayals in emerging adulthood: A developmental perspective of infidelity. *The Journal of Sex Research*, 55(1), 84-98. <https://doi.org/10.1080/00224499.2017.1342757>
- Offenhauer, P., & Buchalter, A. (2011). Teen dating violence: A literature review and annotated bibliography. *A report prepared by the Federal Research Division, Library of Congress under an interagency agreement with the Violence and Victimization Research Division, National Institute of Justice*.
- Oliver, M. B., & Hyde, J. S. (1993). Gender differences in sexuality: a meta-analysis. *Psychological bulletin*, 114(1), 29-51. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.114.1.29>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2011). *Código Deontológico*. https://www.ordemospsicologos.pt/ficheiros/documentos/web_cod_deontologico_pt_revisao_2016_1.pdf
- Ouytsel, V. J., Carter, P. N. M., Walrave, M., & Ponnet, K. (2020). Sexting within young adults' dating and romantic relationships. *Current opinion in psychology*, 36, 55-59. <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2020.04.007>
- Ouytsel, V. J., Walrave, M., Ponnet, K., Willems, A. S., & Dam, V. M. (2019). Adolescents' perceptions of digital media's potential to elicit jealousy, conflict and monitoring behaviors within romantic relationships. *Cyberpsychology: journal of psychosocial research on cyberspace*, 13(3). <https://doi.org/10.5817/CP2019-3-3>
- Owen, J., Rhoades, G. K., & Stanley, S. M. (2013). Sliding versus deciding in relationships: Associations with relationship quality, commitment, and infidelity. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 12(2), 135-149 <https://doi.org/10.1080/15332691.2013.779097>
- Perel, E. (2019) *(In) fidelidade: Repensar o amor e as relações*. (1st ed.). Bertrand Editora.
- Pick, S., Leenen, I., Givaudan, M., & Prado, A. (2010). << Yo quiero, yo puedo... prevenir la violencia >>: Programa breve de sensibilización sobre violencia en el noviazgo. *Salud mental*, 33(2), 145-152. <https://www.redalyc.org/pdf/582/58215623006.pdf>
- Pinto, M., Pereira, S., Pereira, L., & Ferreira, T. D. (2011). Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos. <https://hdl.handle.net/1822/44959>
- Pinto, R. B. B. (2015). *The relationship between sexual and emotional promiscuity and infidelity*. [Dissertação de doutoramento] Universidade do Minho.
- Pitman, F. (1989). *Private lies: Infidelity and the betrayal of intimacy*. New York: WW Norton.
- Platt, L., Rhi A., Nalbone, D. P., Casanova, G. M., Wetchler, J. L. (2008). Parental Conflict and Infidelity as Predictors of Adult Children's Attachment Style and Infidelity. *The American Journal of Family Therapy*, 36(2), 149-161. [Doi:10.1080/01926180701236258](https://doi.org/10.1080/01926180701236258)

- PORDATA (2022). *Idade média ao primeiro casamento, por sexo*. [online]. <https://www.pordata.pt/portugal/idade+media+ao+primeiro+casamento++por+sexo-421-5199>
- Portugal, A., Caridade, S., Santos, A. S., Spínola, J., & Sani, A. (2023). Dating conflict-resolution tactics and exposure to family violence: University students' experiences. *Social Sciences*, 12(4), 209. <https://doi.org/10.3390/socsci12040209>
- Previti, D., & Amato, P. R. (2004). Is Infidelity a Cause or a Consequence of Poor Marital Quality?. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(2), 217–230. [Doi:10.1177/0265407504041384](https://doi.org/10.1177/0265407504041384)
- Prins, K. S., Buunk, B. P., & Van Yperen, N. W. (1993). Equity, normative disapproval, and extramarital relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 39-53. <https://doi.org/10.1177/0265407593101003>
- Raguram, A., & Mao, A. (2009). Online infidelity: The new challenge to marriages. *Indian Journal of Psychiatry*, 51(4), 302. [Doi:10.4103/0019-5545.58299](https://doi.org/10.4103/0019-5545.58299)
- Relvas, A. (2000). A terapia com o casal: conversando para a redescoberta de um nós. Por detrás do Espelho. *Da teoria à terapia com a família*, 130-171. Quarteto.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2022). *Psicologia social*. Editora Vozes.
- Rogers, A. A., Willoughby, B. J.; Nelson, L. J. (2015). Young Adults' Perceived Purposes of Emerging Adulthood: Implications for Cohabitation. *The Journal of Psychology*, 150(4), 1–17. <https://doi.org/10.1080/00223980.2015.1099513>
- Roos, L. G., O'Connor, V., Canevello, A., & Bennett, J. M. (2019). Posttraumatic stress and psychological health following infidelity in unmarried young adults. *Stress and Health*, 35(4). [Doi:10.1002/smi.2880](https://doi.org/10.1002/smi.2880)
- Roscoe, B., Cavanaugh, L. E., & Kennedy, D. R. (1988). Dating infidelity: Behaviors, reasons and consequences. *Adolescence*, 23(89), 35. https://www.proquest.com/openview/43679c83c25c2996816f2_08b8cfca781/1?pq-origsite=gscholar&cbl=41539
- Sam, N. M. S. (2013, April). Primary Relationship. Psychology Dictionary. Acessado Julho 8, 2023, em <https://psychologydictionary.org/primary-relationship/>
- Santos, K. B. D., & Murta, S. G. (2016). Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. *Psicologia: ciência e profissão*, 36, 787-800. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000272014>
- Seltermann, D., Garcia, J. R., & Tsapelas, I. (2019). Motivations for extradyadic infidelity revisited. *The Journal of Sex Research*, 56(3), 273-286. <https://doi.org/10.1080/00224499.2017.1393494>

- Seltermann, D., Garcia, J. R., & Tsapelas, I. (2021). What do people do, say, and feel when they have affairs? Associations between extradyadic infidelity motives with behavioral, emotional, and sexual outcomes. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 47(3), 238-252. [Doi:10.1080/0092623x.2020.1856987](https://doi.org/10.1080/0092623x.2020.1856987)
- Shackelford, T. K., LeBlanc, G. J., & Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition & Emotion*, 14(5), 643-659. [Doi:10.1080/02699930050117657](https://doi.org/10.1080/02699930050117657)
- Sheppard, V. J., Nelso, E. S., & Andreoli-mathie, V. (1995). Dating relationships and infidelity: Attitudes and behaviors. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 21(3), 202-212. [Doi:10.1080/00926239508404399](https://doi.org/10.1080/00926239508404399)
- Silva, A., Saraiva, M., Albuquerque, P. B., & Arantes, J. (2017). Relationship quality influences attitudes toward and perceptions of infidelity. *Personal Relationships*, 24(4), 718-728. [Doi:10.1111/per.12205](https://doi.org/10.1111/per.12205)
- Silva, K. D., & Silva, L. L. F. (2021). Violência no namoro de adolescentes e jovens adultos: Uma revisão integrativa de estudos brasileiros. <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/18827>
- Silvério, M. S. (2018). *Eu, tu...ilus: poliamor e não-monogâmias consensuais*. [Dissertação de doutoramento] Escola de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Antropologia.
- Smeha, L. N., & de Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 33-45. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/4298/4450>
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R., & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health*, 18(7), 923-927. <https://doi.org/10.1089/jwh.2009.1515>
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting Americans. *Journal of Marriage and the Family*, 62(1), 48-60. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00048.x>
- Turner, J. S. (2003). *Dating and sexuality in America: A reference handbook*. ABC-CLIO.
- Underwood, H., & Findlay, B. (2004). Internet Relationships and Their Impact on Primary Relationships. *Behaviour Change*, 21(2), 127-140. [Doi:10.1375/bech.21.2.127.55422](https://doi.org/10.1375/bech.21.2.127.55422)
- Viegas, T., & Moreira, J. M. (2013). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia (natal)*, 18, 411-418. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300001>
- Watkins, S. J., & Boon, S. D. (2015). Expectations regarding partner fidelity in dating relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(2), 237-256. [Doi:10.1177/0265407515574463](https://doi.org/10.1177/0265407515574463)

- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1967). *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo, SP: Editora Cultrix.
- Wiederman, M. (1997). Extramarital sex: Prevalence and correlates in a national survey. *The Journal of Sex Research*, 34, 167–174. <https://doi.org/10.1080/00224499709551881>
- Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradyadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(2), 265–274. <https://doi.org/10.1177/0265407599162008>
- Willig, C. (2013). *EBOOK: introducing qualitative research in psychology*. McGraw-hill education (UK).
- Willoughby, B. J., Carroll, J. S., Vitas, J. M., & Hill, L. M. (2012). “When Are You Getting Married?” The Intergenerational Transmission of Attitudes Regarding Marital Timing and Marital Importance. *Journal of Family Issues*, 33(2), 223-245. [Doi:10.1177/0192513x11408695](https://doi.org/10.1177/0192513x11408695)
- Zerbini, M. I. D. S. (2014). Infidelidade: o virtual invade a conjugalidade- o que buscam os usuários de sites de infidelidade. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15332>
- Zimmer, G. M. J., Hughes, N., Kelly, M., & Connolly, J. (2012). Intimacy, identity and status: Measuring dating goals in late adolescence and emerging adulthood. *Motivation and Emotion*, 36, 311-322. <https://doi.org/10.1007/s11031-011-9253-6>
- Zordan, E. P. & Strey, M. N. (2011). Separação conjugal: aspectos implicados nessa decisão, reverberação e projetos futuros. *Pensando Famílias*, 15(2), 71-88. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-745067>

Apêndices

Apêndice A

Questionário Sociodemográfico

- 1- Que idade tens?
- 2- Com que género te identificas?
- 3- Em que zona do país resides?
- 4- Encontras-te atualmente em algum relacionamento amoroso?

(Caso responda **afirmativamente** à questão 4)



4.1- Tendo em conta que as relações podem ser vividas de variadas formas, por exemplo, relações de namoro não assumidas, relações de namoro sem coabitação, relações de namoro com coabitação, casamento, união de facto, entre outras, que tipo de relação experienciaste?

(Caso responda **negativamente** à questão 4)



4.2- Já te encontraste em algum relacionamento amoroso no passado?

(Caso responda **afirmativamente** à questão 4.2)



4.2.1- Tendo em conta que as relações podem ser vividas de variadas formas, por exemplo, relações de namoro não assumidas, relações de namoro sem coabitação, relações de namoro com coabitação, casamento, união de facto, entre outras, que tipo de relação experienciaste?

Apêndice B

Guião Semiestruturado da Entrevista

Considerações acerca da prevalência da infidelidade

1- Imagina uma escala de 1 a 10, em que 1 é nada e 10 é muito, quanto é que achas que as pessoas da tua idade são infiéis ao/à namorado/a?

(Questão objetiva/fechada)

Definição de infidelidade

2- Como é que defines a infidelidade?

- Qual a definição conceptual que fazes do termo?
- Que comportamentos e atitudes consideras serem infiéis?
- Que tipos de infidelidade conheces?

Fatores que contribuem para a ocorrência de infidelidade no namoro

3- Que fatores é que consideras que podem contribuir para a ocorrência de infidelidade numa relação de namoro?

- De que forma é que consideras que a família e as aprendizagens feitas em contexto familiar podem promover ou prevenir a ocorrência de infidelidade em relações de namoro? Para além da família, achas que existem outros contextos que podem influenciar a ocorrência ou não de infidelidade em relações de namoro?

4- De que forma é que consideras que determinados motivos legitimam mais a ocorrência de infidelidade numa relação de namoro do que outros?

Diferenças de género no modo de vivenciar a infidelidade no namoro

5- Imagina uma relação, entre um homem e uma mulher, sendo que nesta relação ocorre uma traição... Estás a imaginar? Imaginaste a pessoa infiel a ser um homem ou uma mulher? Porque achas que isso aconteceu?

Função que a infidelidade assume no namoro

6- Que ganhos e que perdas consideras que advêm da ocorrência de infidelidade numa relação de namoro?

- Ganhos e perdas tanto para a relação, como para a pessoa infiel e para a pessoa traída, individualmente.

- Como diferencias o impacto que a ocorrência de infidelidade tem no autoconceito da pessoa que trai e no autoconceito da pessoa traída?

Fatores que influenciam a conotação atribuída à infidelidade

7- Que fatores é que tens em conta quando avalias uma situação de infidelidade como mais ou menos aceitável numa determinada relação?

- De que forma a conotação que atribuis à infidelidade difere mediante o tipo de infidelidade praticada?

- De que forma a conotação que atribuis à infidelidade muda consoante o tipo de relação em que esta ocorre? Isto é, numa relação amorosa não assumida, numa relação de namoro sem coabitação, numa relação de namoro com coabitação ou num casamento.

- De que forma a conotação que atribuis à infidelidade difere mediante a duração da relação em que esta ocorre?

- De que forma a conotação que atribuis à infidelidade difere mediante o género da pessoa que a comete?

Evolução da perceção e vivência da infidelidade com o passar do tempo

8- Qual é a tua perspetiva acerca da infidelidade ao longo do tempo, desde o tempo dos nossos avós até à atualidade?

- Que comparação estabelecerias entre a forma como a infidelidade é conceptualizada atualmente e a forma como era conceptualizada no tempo dos nossos avós?

- Que comparação estabelecerias entre a forma como a infidelidade é vivenciada atualmente e a forma como era vivenciada no tempo dos nossos avós?

- Que comparação estabelecerias entre a prevalência da infidelidade atualmente e a prevalência da mesma no tempo dos nossos avós?

Origem da formulação de crenças que o próprio possui

9- Que fatores é que consideras que influenciam mais fortemente as tuas crenças acerca da infidelidade?

- Qual a influência dos diferentes sistemas sociais (família, círculo de amigos, etc) nas crenças que possuis acerca da infidelidade?

- Qual a influência das tuas experiências prévias nas crenças que possuis acerca da infidelidade?

Construção de relações de namoro à prova de infidelidade / Conclusão da entrevista

10- Como consideras ser possível construir uma relação de namoro à prova de infidelidade?

11- Por fim, se pudesses identificar numa única palavra o antídoto para a infidelidade em relações de namoro, que palavra escolherias?

Apêndice C

Consentimento Informado



FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Consentimento informado para a participação no estudo “**Infidelidade no Namoro: Estudo Qualitativo Sobre Crenças e Atitudes na Adulter Emergente**”

O **objetivo** deste estudo prende-se, primeiro, com a investigação dos significados que os jovens adultos atribuem à infidelidade, identificando o modo como a percebem, particularmente em relações de namoro; segundo, com a exploração dos fatores que influenciam esses mesmos significados.

O único **critério de inclusão para participação neste estudo** remete para a faixa-etária dos participantes, devendo estes ter uma idade compreendida entre os 18 e os 25 anos.

A **recolha de dados** será feita através de entrevistas semiestruturadas individuais maioritariamente compostas por questões de natureza aberta (sem resposta de sim/não) acerca do tema do estudo. Cada entrevista deverá ter a duração de cerca de 1 hora, ocorrendo em modalidade on-line. O conteúdo das entrevistas vai ser gravado em formato de áudio para fins exclusivos de investigação, sendo que este deverá ser destruído logo após a sua análise. Todos os dados identificadores dos participantes serão ocultados no momento de publicação dos resultados e ao longo de todo o processo de tratamento de dados. Deste modo, serão assegurados os princípios de confidencialidade e privacidade de todos os participantes.

A participação neste estudo é de caráter **voluntário e livre**, uma vez que a qualquer momento da entrevista o participante poderá optar por não responder a alguma questão ou poderá até desistir de colaborar na investigação, sem qualquer prejuízo.

A informação recolhida será usada para a elaboração de uma dissertação de mestrado no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica Sistémica e da Saúde da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

A equipa de investigação

Joana Vieira Ferreira (Universidade de Coimbra)

Alda Portugal (Universidade da Madeira)

Isabel C. Lisboa (UNINOVA)

Dei-te, assim, conhecimento dos objetivos e procedimentos inerentes à presente investigação, bem como do teu papel enquanto participante na mesma.

Aceito participar

Não aceito participar

Para esclarecimento de qualquer dúvida relativamente à investigação contactar a investigadora Joana Ferreira no seguinte e-mail: joana.vieira2000@hotmail.com

Um especial agradecimento pelo interesse na colaboração!

Apêndice D

Listagem dos Temas e Subtemas, Definições e Número de Referências (*N*) e de Fontes (*F*)

1. **CRENÇAS E ATITUDES FACE À INFIDELIDADE:** remete para as crenças e atitudes que os jovens adultos possuem face à infidelidade em relações de namoro na adultez emergente.
 - 1.1 **Definição** (*N*= 88; *F*= 8): remete para as diferentes conceptualizações que os jovens têm acerca da infidelidade em relações de namoro na adultez emergente.
 - 1.1.1 **Injustificável** (*N*= 24; *F*= 7): conceptualização da infidelidade como sendo algo que não tem justificação.
 - 1.1.2 **Mais do que Algo Apenas Físico** (*N*= 11; *F*= 6): conceptualização da infidelidade como sendo algo que ultrapassa o envolvimento físico.
 - 1.1.3 **Traição da Confiança** (*N*= 8; *F*= 5): conceptualização da infidelidade como constituindo uma traição da confiança do(a) parceiro(a).
 - 1.1.4 **Secretismo** (*N*= 10; *F*=3): conceptualização da infidelidade como sendo algo que envolve secretismo perante o(a) parceiro(a).
 - 1.1.5 **Intenção** (*N*=8; *F*=4): conceptualização da infidelidade como sendo algo implica uma intencionalidade por parte de quem a comete.
 - 1.1.6 **Falta de Respeito** (*N*= 5; *F*= 3): conceptualização da infidelidade como sendo algo que constitui uma falta de respeito para com o(a) parceiro(a).
 - 1.1.7 **Causar Mágoa ao(à) Parceiro(a)** (*N*=4; *F*=2): conceptualização da infidelidade como sendo algo que envolve a provocação de sentimentos de mágoa no(a) parceiro(a).
 - 1.1.8 **Depende dos Limites e Princípios Definidos na Relação** (*N*=4; *F*=2): conceptualização da infidelidade como sendo algo que depende dos limites e princípios reguladores da relação consentidos por ambos os elementos do casal.
 - 1.1.9 **Quebra de Compromisso** (*N*=2; *F*=2): conceptualização da infidelidade como sendo algo que simboliza uma quebra do compromisso envolvido na relação.
 - 1.1.10 **Não Abrange Contactos Superficiais** (*N*=7; *F*=1): conceptualização da infidelidade como sendo algo que não abrange contactos superficiais.
 - 1.1.11 **Falta de Sinceridade** (*N*=2; *F*=1): conceptualização da infidelidade como sendo algo que implica falta de sinceridade para com o(a) parceiro(a).
 - 1.1.12 **Sentimento Amoroso por Outro(a)** (*N*=1; *F*=1): conceptualização da infidelidade como sendo algo que envolve o surgimento de um sentimento amoroso por outra pessoa que não o(a) parceiro(a).
 - 1.1.13 **Não Existe Em Relações Abertas** (*N*=1; *F*=1): conceptualização da infidelidade como sendo algo que não existe em relações de namoro abertas a algum tipo de envolvimento com terceiros.
 - 1.1.14 **Coisa Má** (*N*=1; *F*=1): conceptualização da infidelidade como sendo algo que constitui uma coisa má.
 - 1.1.15 **Envolvimento com Outro(a)** (*N*=1; *F*=1): conceptualização da infidelidade como sendo algo que implica o envolvimento com outra pessoa que não o(a) parceiro(a).
 - 1.2 **Comportamentos** (*N*=76; *F*=8): remete para os diferentes comportamentos que os jovens consideram comportamentos infiéis.
 - 1.2.1 **Domínio Físico** (*N*=28; *F*=8): parte dos comportamentos considerados infiéis pelos jovens corresponderam a comportamentos do domínio físico.
 - 1.2.1.1 **Beijo** (*N*=9; *F*=4): o ato de beijar outra pessoa que não o(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.

- 1.2.1.2 Contacto Físico Não Normativo** ($N=5$; $F=2$): o ato de ter contacto físico além daquilo que é normativo com outra pessoa que não o(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.1.3 Relação Sexual** ($N=4$; $F=3$): o ato de ter uma relação sexual com alguém que não o(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.1.4 Sexualidade Enquanto Pertencente à Individualidade de Cada Um** ($N=2$; $F=1$): o envolvimento sexual com outra pessoa que não o(a) parceiro(a) como não constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.1.5 Abuso Físico** ($N=1$; $F=1$): o ato de abusar fisicamente do(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.1.6 Estar com Alguém que Incomode o(a) Parceiro(a)** ($N=1$; $F=1$): o ato de estar com uma pessoa que, por algum motivo, incomode o(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.1.7 Envolvimento Físico** ($N=1$; $F=1$): o envolvimento físico com outra pessoa que não o(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.2 Domínio Virtual** ($N=11$; $F=5$): um dos comportamentos considerados infiéis pelos jovens correspondeu a um comportamento do domínio virtual.
- 1.2.2.1 Conversas Online** ($N=11$; $F=5$): o envolvimento em conversas *online* com alguém que não o(a) parceiro(a), motivado por uma intenção de cariz amoroso e/ou erótico, como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.3 Domínio Psicológico e Emocional** ($N=37$; $F=8$): parte dos comportamentos considerados infiéis pelos jovens corresponderam a comportamentos do domínio psicológico e emocional.
- 1.2.3.1 Ocultação** ($N=9$; $F=2$): o ato de ocultar algo do(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.3.2 Interesse Por Outra Pessoa** ($N=4$; $F=2$): a nutrição de um interesse amoroso e/ou erótico por outra pessoa que não o(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.3.3 Estar com Alguém de Forma Amorosa** ($N=3$; $F=3$): o ato de estar com outra pessoa que não o(a) parceiro(a) de forma amorosa como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.3.4 Mentira** ($N=4$; $F=1$): o ato de mentir ao(à) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.3.5 Abuso Psicológico** ($N=3$; $F=1$): o ato de abusar psicologicamente o(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.3.6 Conversas Sobre Relações Sexuais e Estado Civil** ($N=3$; $F=1$): o envolvimento em conversas sobre relações sexuais e estado civil com outra pessoa que não o(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.3.7 Questionar a Relação** ($N=2$; $F=1$): o ato de questionar a relação, colocando-a em causa, como constituindo um comportamento infiel.
- 1.2.3.8 Criar uma Outra Relação** ($N=1$; $F=1$): o ato de criar uma outra relação, com outra pessoa que não o(a) parceiro(a) como constituindo um comportamento infiel.
- 1.3 Antecedentes** ($N=244$; $F=8$): remete para os fatores que os jovens consideram anteceder uma ocorrência de infidelidade.
- 1.3.1 Fatores de Risco** ($N=152$; $F=8$): parte dos antecedentes identificados constituem fatores que os jovens consideram poder promover a ocorrência de infidelidade.
- 1.3.1.1 Relacionais** ($N=70$; $F=8$): parte dos fatores que os jovens consideram promover a ocorrência de infidelidade constituem aspetos da relação em si.

- 1.3.1.1.1 **Monotonia** ($N=15$; $F=5$): a monotonia sentida na relação como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.2 **Falta de Atenção** ($N=8$; $F=3$): a falta de atenção sentida por parte de um dos elementos do casal como constituindo um fator que promove a infidelidade por parte desse mesmo elemento.
- 1.3.1.1.3 **Insatisfação na Relação** ($N=6$; $F=2$): a insatisfação sentida na relação como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.4 **Falta de Interesse** ($N=5$; $F=3$): a falta de interesse por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.5 **Falta de Confiança** ($N=15$; $F=5$): a falta de confiança sentida na relação como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.6 **Falta de Amor** ($N=3$; $F=3$): a falta de amor existente na relação como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.7 **Amor Enquanto Único Elo de Ligação** ($N=2$; $F=2$): a existência de amor em exclusivo na relação como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.8 **Não Estar com a Pessoa Certa** ($N=3$; $F=2$): o facto de os elementos do casal não estarem com a pessoa certa como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.9 **Discussões Frequentes** ($N=7$; $F=2$): a existência de discussões frequentes entre os elementos do casal como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.10 **Violência no Namoro** ($N=2$; $F=1$): a violência no namoro sofrida por um dos elementos do casal como constituindo um fator que promove a infidelidade por parte desse mesmo elemento.
- 1.3.1.1.11 **Falta de Respeito** ($N=1$; $F=1$): a falta de respeito entre elementos do casal como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.12 **Distância Emocional** ($N=1$; $F=1$): a distância emocional por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.13 **Passar Tempo em Excesso Juntos** ($N=1$; $F=1$): o facto de o casal passar tempo em excesso junto como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.1.14 **Tomar o(a) Parceiro(a) por Garantido(a)** ($N=1$; $F=1$): o ato de tomar o(a) parceiro(a) por garantido, desvalorizando-o(a), como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.2 **Individuais** ($N=41$; $F=7$): parte dos fatores que os jovens consideram promover a ocorrência de infidelidade constituem características individuais dos elementos do casal.
 - 1.3.1.2.1 **Impulsividade** ($N=10$; $F=4$): a impulsividade por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que promove a infidelidade.
 - 1.3.1.2.2 **Interesse por Outras Pessoas** ($N=5$; $F=4$): o interesse de algum dos elementos do casal (ou ambos) por outras pessoas como constituindo um fator que promove a infidelidade.
 - 1.3.1.2.3 **Extroversão** ($N=5$; $F=2$): a extroversão por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que promove a infidelidade.

- 1.3.1.2.4 **Irresponsabilidade** ($N=3$; $F=3$): a irresponsabilidade por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.2.5 **Foco no Prazer a Curto-Prazo** ($N=3$; $F=3$): o foco no prazer a curto-prazo por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.2.6 **Falta de Caráter** ($N=5$; $F=1$): a falta de caráter por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.2.7 **Baixa Autoestima** ($N=6$; $F=1$): a baixa autoestima, associada à autossabotagem, por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.2.8 **Ser Influenciável** ($N=4$; $F=1$): o facto de algum dos elementos do casal (ou ambos) ser(em) influenciável(eis) como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.1.3 **Contextuais** ($N=38$; $F=7$): parte dos fatores que os jovens consideram promover a ocorrência de infidelidade constituem aspetos do contexto em que os elementos do casal se inserem.
 - 1.3.1.3.1 **Ambiente** ($N=23$; $F=4$): o ambiente no qual os elementos do casal se inserem como constituindo um fator que pode promover a infidelidade.
 - 1.3.1.3.2 **Distância Geográfica** ($N=6$; $F=3$): a distância geográfica entre os elementos do casal como constituindo um fator que promove a infidelidade.
 - 1.3.1.3.3 **Pressão pelos Pares** ($N=5$; $F=3$): a pressão pelos pares sofrida pelo elemento do casal que sofre a infidelidade como constituindo um fator que promove a ocorrência da mesma.
 - 1.3.1.3.4 **Estar Sob Efeito de Substâncias** ($N=3$; $F=2$): a ocasião de estar sob o efeito de substâncias como constituindo um fator que promove a infidelidade.
 - 1.3.1.3.5 **Instabilidade** ($N=1$; $F=1$): a instabilidade experienciada ao longo da vida por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que promove a infidelidade.
- 1.3.2 **Fatores de Proteção** ($N=201$; $F=8$): parte dos antecedentes identificados constituem fatores que os jovens consideram prevenir a ocorrência de infidelidade.
 - 1.3.2.1 **Relacionais** ($N=190$; $F=8$): parte dos fatores que os jovens consideram prevenir a ocorrência de infidelidade constituem aspetos da relação em si.
 - 1.3.2.1.1 **Comunicação** ($N=28$; $F=8$): a comunicação entre os elementos do casal como constituindo um fator que previne a infidelidade.
 - 1.3.2.1.2 **Confiança** ($N=22$; $F=4$): a confiança entre os elementos do casal como constituindo um fator que previne a infidelidade.
 - 1.3.2.1.3 **Honestidade** ($N=12$; $F=4$): a honestidade entre os elementos do casal como constituindo um fator que previne a infidelidade.
 - 1.3.2.1.4 **Amor** ($N=8$; $F=3$): o amor sentido entre os elementos do casal como constituindo um fator que previne a infidelidade.
 - 1.3.2.1.5 **Prestar Atenção ao Outro** ($N=5$; $F=3$): a capacidade de prestar atenção ao outro como constituindo um fator que previne a infidelidade.

- 1.3.2.1.6 Amizade** ($N=2$; $F=2$): a amizade sentida entre os elementos do casal como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.7 Saber Pedir Desculpa** ($N=2$; $F=2$): o saber pedir desculpa ao(à) parceiro(a) quando se erra como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.8 Estabilidade** ($N=2$; $F=2$): a estabilidade sentida na relação como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.9 Definição de Limites** ($N=3$; $F=1$): a definição clara de limites na relação, consentidos por ambos os elementos do casal, como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.10 Esforço** ($N=2$; $F=1$): o esforço investido pelos elementos do casal na relação como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.11 Boa Rotina** ($N=2$; $F=1$): a boa rotina construída pelos elementos do casal como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.12 Consideração Pelo Outro** ($N=2$; $F=1$): o ter consideração pelo(a) parceiro(a) como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.13 Compromisso** ($N=1$; $F=1$): o elevado nível de compromisso sentido pelos elementos do casal como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.14 Respeito Pelo Outro** ($N=1$; $F=1$): o respeito sentido pelo(a) parceiro(a) como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.15 Companheirismo** ($N=1$; $F=1$): o companheirismo entre os elementos do casal como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.16 Novidade** ($N=1$; $F=1$): a novidade trazida à relação como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.1.17 Não Há Fatores de Proteção para a Infidelidade** ($N=1$; $F=1$): remete para a ideia de não haverem fatores de proteção que previnam a infidelidade.
- 1.3.2.2 Individuais** ($N=4$; $F=3$): parte dos fatores que os jovens consideram prevenir a ocorrência de infidelidade constituem características individuais dos elementos do casal.
- 1.3.2.2.1 Flexibilidade** ($N=2$; $F=2$): a flexibilidade por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.2.2 Ser Fiel Intrinsecamente** ($N=2$; $F=1$): o ser fiel intrinsecamente por parte de algum dos elementos do casal (ou ambos) como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.3 Contextuais** ($N=7$; $F=3$): parte dos fatores que os jovens consideram prevenir a ocorrência de infidelidade constituem aspetos do contexto em que os elementos do casal se inserem.
- 1.3.2.3.1 Amigos em Fases de Vida Semelhantes** ($N=2$; $F=1$): o facto de ambos os elementos do casal se rodearem de amigos em fases de vida semelhantes como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.3.2 Amigos Apoiam a Relação** ($N=2$; $F=1$): o facto de os amigos de ambos os elementos do casal apoiarem a relação como constituindo um fator que previne a infidelidade.
- 1.3.2.3.3 Família Apoiar a Relação** ($N=1$; $F=1$): o facto de a família de ambos os elementos do casal apoiar a relação como constituindo um fator que previne a infidelidade.

1.3.2.3.4 Círculo de Amigos Comum ($N=2$; $F=1$): o facto de os elementos do casal terem um círculo de amigos comum como constituindo um fator que previne a infidelidade.

1.4 Consequências ($N=$; $F=$): remete para as consequências que os jovens consideram advir de uma ocorrência de infidelidade.

1.4.1 Relacionais ($N=48$; $F=7$): parte das consequências que os jovens consideram advir da ocorrência de infidelidade concernem a aspetos da relação em si.

1.4.1.1 Continuidade ($N=27$; $F=4$): parte das consequências relacionais que os jovens consideram advir da ocorrência da infidelidade sucedem em caso de continuidade da relação.

1.4.1.1.1 Fortalecimento da Relação ($N=8$; $F=3$): o fortalecimento da relação como constituindo uma consequência da infidelidade em caso de continuidade da relação.

1.4.1.1.2 Perda de Confiança ($N=7$; $F=4$): a perda de confiança no(a) parceiro(a) que foi infiel como constituindo uma consequência da infidelidade em caso de continuidade da relação.

1.4.1.1.3 Perda de Respeito ($N=2$; $F=2$): a perda de respeito entre parceiros como constituindo uma consequência da infidelidade em caso de continuidade da relação.

1.4.1.1.4 Desidealização do Outro ($N=1$; $F=1$): a desidealização do(a) parceiro(a) que é infiel como constituindo uma consequência da infidelidade em caso de continuidade da relação.

1.4.1.1.5 Pouca Durabilidade ($N=1$; $F=1$): a pouca durabilidade da relação no futuro como constituindo uma consequência da infidelidade em caso de continuidade da relação.

1.4.1.1.6 Danificação da Relação ($N=1$; $F=1$): a danificação da relação como constituindo uma consequência da infidelidade em caso de continuidade da relação.

1.4.1.2 Término ($N=18$; $F=6$): parte das consequências relacionais que os jovens consideram advir da ocorrência da infidelidade sucedem em caso de término da relação.

1.4.1.2.1 Perda do Parceiro(a) ($N=7$; $F=4$): a perda do parceiro como constituindo uma consequência da infidelidade em caso de término da relação.

1.4.1.2.2 Exploração da Individualidade ($N=1$; $F=1$): a oportunidade para exploração da individualidade como constituindo uma consequência da infidelidade em caso de término da relação.

1.4.1.2.3 Perda do Que Foi Construído ($N=1$; $F=1$): a perda do que foi construído na relação como constituindo uma consequência da infidelidade em caso de término da relação.

1.4.2 Individuais ($N=64$; $F=8$): parte das consequências que os jovens consideram advir da ocorrência de infidelidade concernem a aspetos individuais de cada um dos elementos do casal.

1.4.2.1 Para a Pessoa Infiel ($N=36$; $F=8$): parte das consequências individuais que os jovens consideram advir da ocorrência da infidelidade concernem à pessoa infiel.

1.4.2.1.1 Perda de Autoestima ($N=11$; $F=4$): a perda de autoestima como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.

- 1.4.2.1.2 **Ganho de Autoestima** ($N=6$; $F=4$): o ganho de autoestima como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.
- 1.4.2.1.3 **Desenvolvimento Pessoal** ($N=3$; $F=3$): o desenvolvimento pessoal como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.
- 1.4.2.1.4 **Ganho de Prazer Momentâneo** ($N=3$; $F=2$): o ganho de prazer momentâneo como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.
- 1.4.2.1.5 **Insegurança em Próximas Relações** ($N=3$; $F=2$): o ganho de insegurança em próximas relações como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.
- 1.4.2.1.6 **Ganho de Experiência** ($N=3$; $F=2$): o ganho de experiência como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.
- 1.4.2.1.7 **Sofrimento** ($N=1$; $F=1$): o sofrimento como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.
- 1.4.2.1.8 **Ganho do Que Faltava na Relação** ($N=1$; $F=1$): o ganho daquilo que faltava na relação como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.
- 1.4.2.1.9 **Ganho de Noção de Consequências** ($N=1$; $F=1$): o ganho de noção de que os seus atos têm consequências como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.
- 1.4.2.1.10 **Perda de Caráter** ($N=1$; $F=1$): a perda de caráter como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa infiel.
- 1.4.2.2 **Para a Pessoa Traída** ($N=31$; $F=8$): parte das consequências individuais que os jovens consideram advir da ocorrência da infidelidade concernem à pessoa traída.
 - 1.4.2.2.1 **Perda de Autoestima** ($N=12$; $F=6$): a perda de autoestima como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
 - 1.4.2.2.2 **Sofrimento** ($N=4$; $F=4$): o sofrimento como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
 - 1.4.2.2.3 **Libertação Daquela Relação** ($N=3$; $F=3$): a libertação daquela relação como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
 - 1.4.2.2.4 **Questionar a Veracidade de Toda a Relação** ($N=2$; $F=2$): o ato de questionar a veracidade de toda a relação vivida como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
 - 1.4.2.2.5 **Reavaliação do que Procura para uma Futura Relação** ($N=2$; $F=1$): o ato de reavaliar aquilo que procura para uma futura relação como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
 - 1.4.2.2.6 **Aquisição de Padrões não Saudáveis de Relação** ($N=1$; $F=1$): a aquisição de padrões não saudáveis de relação como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
 - 1.4.2.2.7 **Perda de Identidade** ($N=1$; $F=1$): a perda de identidade como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
 - 1.4.2.2.8 **Introspeção** ($N=1$; $F=1$): a oportunidade para fazer uma introspeção como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.

- 1.4.2.2.9 Oportunidade para Conhecer Novas Pessoas** ($N=1$; $F=1$): a oportunidade para conhecer novas pessoas como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
- 1.4.2.2.10 Perda de Confiança nos Outros** ($N=1$; $F=1$): a perda de confiança nos outros como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
- 1.4.2.2.11 Reconceptualização do Termo “Amor”** ($N=1$; $F=1$): a reconceptualização do significado atribuído ao termo “amor” como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
- 1.4.2.2.12 Ganho de Experiência** ($N=1$; $F=1$): o ganho de experiência como constituindo uma consequência da infidelidade para a pessoa traída.
- 1.5 Fatores que Ditam a Gravidade da Ocorrência** ($N=91$; $F=8$): remete para os fatores que os jovens consideram influenciar a gravidade que atribuem a uma ocorrência de infidelidade.
- 1.5.1 Duração da Relação** ($N=22$; $F=8$): a duração da relação em que ocorre a infidelidade como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.2 Tipo de Infidelidade** ($N=13$; $F=5$): o tipo de infidelidade cometida como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.3 Sob Efeito de Álcool** ($N=12$; $F=3$): o estar ou não sob o efeito de álcool ao cometer a infidelidade como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.4 Tipo de Relação** ($N=10$; $F=6$): o tipo de relação em que ocorre a infidelidade (relação de namoro não assumida, relação de namoro assumida sem coabitação, relação de namoro assumida com coabitação, etc) como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.5 Confissão por Parte de Quem é Infiel** ($N=8$; $F=3$): a ocorrência de confissão por parte de quem comete a infidelidade como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.6 Duração da Ocorrência** ($N=6$; $F=3$): a duração da ocorrência de infidelidade como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.7 Toxicidade da Relação** ($N=4$; $F=3$): o nível de toxicidade da relação em que ocorre a infidelidade como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.8 Justificação Fornecida ao(à) Parceiro(a)** ($N=4$; $F=3$): a justificação para a ocorrência de infidelidade fornecida ao(à) parceiro(a) como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.9 Relação com Anteriores Ocorrências de Infidelidade** ($N=2$; $F=2$): a existência de anteriores ocorrências de infidelidade na relação como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.10 Distância Geográfica** ($N=2$; $F=2$): a distância geográfica entre os elementos do casal como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.11 Género de Quem Comete a Infidelidade** ($N=3$; $F=1$): o género de quem comete a infidelidade como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.12 Identidade do Terceiro Elemento** ($N=2$; $F=1$): a identidade do terceiro elemento como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.13 Sentimento pelo Terceiro Elemento** ($N=1$; $F=1$): o sentimento existente por parte da pessoa infiel pelo terceiro elemento como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.
- 1.5.14 Existência de Filhos em Comum** ($N=1$; $F=1$): a existência de filhos em comum no casal como constituindo um fator que influencia a gravidade da situação.

1.6 Diferenças de Género ($N=20$; $F=6$): remete para as diferenças entre a vivência da infidelidade pelo género masculino e feminino, identificadas pelos jovens.

1.6.1 Homens

1.6.1.1 Maior Propensão para Cometer Infidelidade ($N=8$; $F=5$): os homens como estando associados a uma maior propensão para cometer infidelidade, em comparação com as mulheres.

1.6.1.1.1 Influenciáveis e Irresponsáveis ($N=5$; $F=3$): a maior propensão para os homens cometerem infidelidade como estando associada ao facto de estes serem influenciáveis e irresponsáveis.

1.6.1.1.2 Necessidades Biológicas Distintas ($N=6$; $F=3$): a maior propensão para os homens cometerem infidelidade como estando associada ao facto de estes possuírem necessidades biológicas distintas das mulheres.

1.6.1.2 Infidelidade Física ($N=3$; $F=3$): os homens como estando mais associados a cometer infidelidade física, em comparação com infidelidades de outras tipologias.

1.6.2 Mulheres

1.6.2.1 Infidelidade Emocional ($N=3$; $F=3$): as mulheres como estando mais associadas a cometer infidelidade emocional, em comparação com infidelidades de outras tipologias.

1.7 Evolução da Infidelidade ao Longo dos Últimos 40 Anos ($N=12$; $F=8$): remete para o modo como os jovens consideram que a ocorrência de infidelidade nas relações evoluiu ao longo dos últimos 40 anos.

1.7.1 Aumento da Infidelidade Cometida por Ambos os Géneros Na Atualidade ($N=4$; $F=3$): consideração de que ambos os géneros se envolvem mais em ocorrências de infidelidade na atualidade.

1.7.2 Aumento da Infidelidade Cometida por Mulheres Na Atualidade ($N=1$; $F=1$): consideração de que as mulheres se envolvem mais em ocorrências de infidelidade na atualidade.

1.7.3 Iguais Níveis de Infidelidade ($N=7$; $F=4$): consideração de que na atualidade se trai tanto como antigamente.

1.7.3.1 Mais Informação ($N=4$; $F=3$): o facto de atualmente haver mais informação como justificando o aparente aumento da infidelidade.

1.7.3.2 Menos Consequências Sofridas ($N=2$; $F=2$): o facto de atualmente haver menos consequências sofridas por parte de quem comete a infidelidade como justificando o seu aparente aumento.

2. VARIÁVEIS CONTEXTUAIS QUE IMPACTAM AS CRENÇAS E ATITUDES FACE À INFIDELIDADE: remete para as variáveis contextuais que influenciam as crenças e atitudes que os jovens adultos possuem face à infidelidade em relações de namoro na adultez emergente.

2.1 Família ($N=56$; $F=8$): a família em que os jovens se inserem como constituindo uma variável contextual que influencia as crenças e atitudes que os jovens possuem face à infidelidade.

2.1.1 Promotora de Crenças e Atitudes Negativas ($N=37$; $F=8$): a família enquanto variável contextual que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.

2.1.1.1 Ocorrência de Infidelidade no Seio Familiar ($N=12$; $F=8$): a ocorrência de infidelidade no seio familiar como constituindo algo que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.

- 2.1.1.1.1 **Contacto com o Sofrimento Causado** pela mesma ($N=10$; $F=7$): a ocorrência de infidelidade no seio familiar como constituindo algo que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade, devido ao contacto com o sofrimento casado por esta.
- 2.1.1.1.2 **Receio de Vir a Ser Traído** ($N=2$; $F=1$): a ocorrência de infidelidade no seio familiar como constituindo algo que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
- 2.1.1.2 **Solidez no Seio Familiar** ($N=5$; $F=3$): a solidez no seio familiar como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade, através do modelo de referência que proporciona.
- 2.1.1.3 **Transmissão de Valores de Respeito** ($N=10$; $F=6$): a transmissão de valores de respeito no seio familiar como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
- 2.1.1.4 **Abertura de Comunicação no Seio Familiar** ($N=1$; $F=1$): a abertura de comunicação no seio familiar como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
- 2.1.2 **Promotora de Crenças e Atitudes Positivas** ($N=10$; $F=6$): a família enquanto variável contextual que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
 - 2.1.2.1 **Ocorrência de Infidelidade no Seio Familiar** ($N=8$; $F=6$): a ocorrência de infidelidade no seio familiar como constituindo algo que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
 - 2.1.2.1.1 **Replicação de um Padrão Assistido** ($N=8$; $F=6$): a ocorrência de infidelidade no seio familiar como constituindo algo que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade, através da replicação de um padrão assistido.
 - 2.1.2.2 **Maltrato Vivido no Seio Familiar** ($N=2$; $F=1$): o maltrato vivido no seio familiar como constituindo algo que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
 - 2.1.2.2.1 **Autossabotagem** ($N=2$; $F=1$): o maltrato vivido no seio familiar como constituindo algo que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade, ao tornar mais provável a utilização de um mecanismo de autossabotagem nas relações.
- 2.2 **Amigos** ($N=14$; $F=7$): os amigos como constituindo uma variável contextual que influencia as crenças e atitudes que os jovens possuem face à infidelidade.
 - 2.2.1 **Promotores de Crenças e Atitudes Negativas** ($N=3$; $F=3$): os amigos enquanto variável contextual que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
 - 2.2.1.1 **Amigos Fiéis** ($N=5$; $F=5$): o estar rodeado de amigos fiéis como constituindo uma variável contextual que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
 - 2.2.1.2 **Amigos Apoiantes da Relação** ($N=3$; $F=2$): o estar rodeado de amigos apoiantes da relação como constituindo uma variável contextual que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
 - 2.2.1.3 **Amigos que Aconselham a Não Ser Infiel** ($N=2$; $F=2$): o estar rodeado de amigos que aconselham a não ser infiel como constituindo uma variável contextual que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
 - 2.2.2 **Promotores de Crenças e Atitudes Positivas** ($N=11$; $F=6$): os amigos enquanto variável contextual que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.

- 2.2.2.1 Amigos Infiéis** ($N=7$; $F=3$): o estar rodeado de amigos infiéis como constituindo uma variável contextual que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
- 2.2.2.2 Amigos Solteiros** ($N=2$; $F=2$): o estar rodeado de amigos solteiros como constituindo uma variável contextual que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
- 2.2.2.3 Infidelidade como Critério de Aceitação em Grupo de Pares** ($N=2$; $F=1$): o estar inserido num grupo de amigos no qual a infidelidade represente um critério de aceitação como constituindo uma variável contextual que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
- 2.3 Cultura** ($N=26$; $F=8$): a cultura em que os jovens se inserem como constituindo uma variável contextual que influencia as crenças e atitudes que os jovens possuem face à infidelidade.
- 2.3.1 Promotora de Crenças e Atitudes Negativas** ($N=6$; $F=4$): a cultura enquanto variável contextual que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
- 2.3.1.1 Menor Dependência da Mulher Face ao Homem** ($N=3$; $F=3$): a menor dependência da mulher face ao homem como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
- 2.3.1.2 Maior Liberdade Existente para Terminar uma Relação** ($N=2$; $F=2$): a maior liberdade existente para terminar uma relação como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
- 2.3.1.3 Maior Número de Expectativas nas Relações** ($N=1$; $F=1$): o maior número de expectativas nas relações relação como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
- 2.3.2 Promotora de Crenças e Atitudes Positivas** ($N=20$; $F=7$): a cultura enquanto variável contextual que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.
- 2.3.2.1 Crescente Utilização das Redes Sociais** ($N=5$; $F=3$): a crescente utilização das redes sociais como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
- 2.3.2.2 Crescente Abertura de Mente** ($N=4$; $F=2$): a crescente abertura de mente como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
- 2.3.2.3 Crescente Influência de Outras Culturas** ($N=4$; $F=2$): a crescente influência de outras culturas como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
- 2.3.2.4 Menor Número de Consequências Sofridas** ($N=3$; $F=2$): o menor número de consequências sofridas por parte da pessoa infiel como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
- 2.3.2.5 Falta de Psicoeducação nos Meios de Comunicação Social** ($N=2$; $F=1$): a falta de psicoeducação nos meios de comunicação social como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
- 2.3.2.6 Busca por um Maior Número de Experiências** ($N=1$; $F=1$): a busca por um maior número de experiências como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.
- 2.3.2.7 Diversidade de Contextos com Mistura de Géneros** ($N=1$; $F=1$): a maior diversidade de contextos que envolvem uma mistura do género masculino e

feminino como constituindo um fator que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.

2.4 Experiência Prévia ($N=10$; $F=7$): a experiência prévia tida pelos jovens como constituindo uma variável contextual que influencia as crenças e atitudes que os jovens possuem face à infidelidade.

2.4.1 Promotora de Crenças e Atitudes Negativas ($N=9$; $F=6$): a experiência prévia enquanto variável contextual que promove crenças e atitudes que não conduzem à infidelidade.

2.4.1.1 Maior Inflexibilidade Face à Infidelidade Quando Traído(a) Anteriormente ($N=3$; $F=2$): o facto de ter sido traído(a) anteriormente como constituindo um fator que promove uma maior inflexibilidade face à infidelidade.

2.4.1.2 Maior Receio de o(a) Parceiro(a) Cometer Infidelidade Quando Traído(a) Anteriormente ($N=2$; $F=2$): o facto de ter sido traído(a) anteriormente como constituindo um fator que promove um maior receio de ser traído(a) no momento atual.

2.4.2 Promotora de Crenças e Atitudes Positivas ($N=1$; $F=1$): a experiência prévia enquanto variável contextual que promove crenças e atitudes que conduzem à infidelidade.

2.4.2.1 Maior Flexibilidade Face à Infidelidade Quando Nunca Traído(a) Anteriormente ($N=1$; $F=1$): o facto de nunca ter sido traído(a) anteriormente como constituindo um fator que promove um menor receio de ser traído(a) no momento atual.